OITAVO ANNO—1860 SABBADO 11 DE AGOSTO NUMERO 849

O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

PREÇO — COM ESTAMPILHA
POR ANNO..... 5$140
POR SEMESTRE..... 2$650
POR TRIMESTRE..... 1$350
AVULSO..... $055

Publica-se ás Quartas e Sabbados.

Assigna-se no escritorio da administração — Largo da Vera Cruz. Fora d'Aveiro recebem assignaturas e são competentes para receber todas as contas com o jornal — em Lisboa o sr. Jacinto José Antunes Lima, na rua de Cima de Socorro n.º 35, 2.º andar; em Coimbra o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes; em Midões o sr. José Ribeiro d'Azevedo; em Arganil o sr. Antonio Ignacio de Vasconcellos Delgado; em Vizeu, o sr. Manoel Paes Pereira; no Porto o sr. José Dias Alves Pimenta, na rua das Hortas n.º 12; em Braga o sr. Joaquim José Antunes da Silva Monteiro. As correspondencias serão remetidas francas de porte ao administrador, assim como a importancia das assignaturas, que serão pagas adiantadas; podendo aquelles srs. que preferirem mandar a importancia d'ellas pelo seguro do correio, deduzir da somma a remetter a despesa da remessa. As correspondencias e annuncios pagam por linha 40 reis; repetições 20 reis. Os srs. assignantes effectivos teem direito a algum favor nas publicações que tiverem a fazer.

PROPRIETARIO — MANOEL FIRMINO D'ALMEIDA MAIA.

PREÇO — SEM ESTAMPILHA
POR ANNO..... 4$600
POR SEMESTRE..... 2$330
POR TRIMESTRE..... 1$200
AVULSO..... $050

AVEIRO.

PROPOSTAS.

O *Portuguez*, jornal de Lisboa, refere-se a uma proposta que fora apresentada ao governo por alguns capitalistas, a qual é concebida nos seguintes termos:

«1.º Ir o contracto do tabaco á praça por 12 annos.

2.º Obrigam-se capitalistas abonados a dar o mesmo preço porque se acha actualmente arrematado o contracto.

3.º Fazer ao governo um emprestimo de 2:200 contos de reis ao par, e sem juros.

4.º Amortisar este emprestimo em 7 annos, em prestações de 100 contos de réis cada 3 mezes, que começarão depois de findo o primeiro anno do contracto.

5.º Tomar por sua conta o theatro de S. Carlos pelos 12 annos que durar o contracto, sem que o governo tenha que pagar os 30 contos votados no orçamento da despeza.

6.º A tomar sobre si o pagamento dos 1:500 contos que Manoel Joaquim Pimenta reclama do conde de Farrobo, e que o governo terá de pagar ao mesmo conde.

7.º A fazer com que Pimenta desista da reclamação, que tem contra o governo no valor de mais de 100 contos.»

Se o *Portuguez* está bem informado, como supomos, o governo deve attender ás conveniencias publicas, e proceder de armonia com ellas.

Sabemos que o prazo de doze annos, estipulado como condicção essencial na alludida proposta, é um pouco longo; mas ante as vantagens subsequentes não ha que trepidar. Preferimos este onus ao emprestimos Erlanger e contracto Langlois, porque traz com sigo a compensação do emprestimo, que na presente conjunctura não é para desprezar.

Temos já expendido sobejamente a nossa opinião em quanto á questão primordial do tabaco. Em these preferimos a *régie* á arrematação, mas em hypothese, quando as circumstancias do thesouro são tão precarias, e é necessario, forçoso, indispensavel fazer face ao deficit, que vae crescendo espantosamente, entendemos que o governo não pode deixar de habilitar-se para bem gerir os recursos da nação, aproveitando a proposta valiosa que, segundo dizem, acaba de lhe ser presente.

O emprestimo ao par, sem juro, no valor de 2:200 contos é muito vantajoso, se attentarmos bem no estado desmantelado do thesouro; bem como a empreza por doze annos do theatro de S. Carlos, sem o subsidio de 30 contos de reis, que na verdade era uma exigencia inaceitavel, porque o paiz não está tão rico, que possa fazer sacrificios para custear emprezas luxuosas, sem interesse algum conhecido.

Em quanto ás outras condições achamol-as egualmente rasoaveis, e entendemos que o governo fará bem se uzar dos meios que tem á sua disposição, submettendo em novembro ao parlamento um projecto de lei que substancie a proposta, que lhe foi dirigida em nome das conveniencias publicas.

E' esta a nossa opinião sobre a materia subjeita; e desejamos que a imprensa a discuta com placidez, abstraindo por um pouco das opiniões politicas, porque esta questão é puramente economica.

Fazemos um apello aos sentimentos patrioticos. Veremos a resposta que obtem esta provocação leal de quem presa mais que tudo a prosperidade do paiz.

CORPO LEGISLATIVO.

Encerrou-se a sessão parlamentar de 1860. Nos annaes legislativos tem de se archivar alguns factos notaveis, pois é esta a primeira sessão em que os poderes publicos trabalharam energicamente.

Votaram-se muitas leis e regulamentos, e algumas d'ellas sem previa discussão e conhecimento da materia. Havia pressa, e olhou-se só á estreiteza do tempo, sem se curar seriamente dos interesses do paiz! Foi a electricidade aplicada á assembléa parlamentar, e esta convertida mais em chancella, do que em corpo animado e pensador.

O orçamento foi pouco reduzido nos seus principaes capitulos de despeza improductiva. Sentimol-o deveras, porque esperavamos que muitas verbas fossem glosadas, havendo coherencia entre a apreciação dos factos e a dedução dos principios.

Não somos dos mais faceis de contentar, e nunca nos extasiamos diante das pessoas encarregadas de gerir a fortuna publica, mas sim diante de suas obras. Avaliamos a governação por o que ella produz, e não por o que promette, ou apregoa. E' esta a nossa norma invariavel, e por isso nunca havemos de acompanhar os Catões até ás forcas caudinas.

O resultado das ultimas sessões mais nos fortificou na opinião, de que o acto dissolutorio é hoje essencial, se se quizer dar á administração a força de que ella carece para emprehender os remodelamentos, que a pratica tem apontado como indispensaveis. A camara electiva deve ser a expressão genuina do paiz; e embora os actuaes deputados tivessem obtido maioria na urna, o suffragio não foi a expressão da vontade dos eleitores, porque, se dimanaram do paiz, não o representam. A verdadeira representação está na expontaneidade dos votos, e não nas demonstrações de poderio das auctoridades territoriaes, que usurpando as faculdades de um direito imprescriptivel, cometteram grande attentado contra as prerogativas da sociedade politica.

Houve sophismação dos principios liberaes nas ultimas eleições de deputados? Houve; ninguem ousará contestal-o, a menos que não pretendam falsear a chronica contemporanea. E se a camara não significa a vontade publica, se a sua origem está viciada, se o povo não deposita n'ella confiança, se o governo não pode contar com o seu apoio, porque foi eleita sob a influencia de uma parcialidade hostil, porque se ha de conservar um parlamento, que assim consubstancia em si tão heterogeneos elementos?

E' um absurdo constitucional supor o contrario. O paiz presenciou as violencias praticadas pelos delegados do sr. Fontes nas ultimas eleições geraes, conhecendo que a camara assim eleita não o podia representar, por que lhe faltava o caracter de imparcialidade, que é essencial a quem exerce tão elevadas funcções. E a dissolução é por tanto a consequencia necessaria da eleição viciada pelos agentes do poder.

A camara encerrou-se, mas nos fastos parlamentares não se assignalou uma data fertil em nobres exemplos. A variedade do trabalho não revela que os productos sejam bons, e dignos de encomios. A acceleração nem sempre significa progresso. Muitas vezes é ella o testemunho de complacencias desgraçadas, depondo contra quem as firmou, em menoscabo da missão que lhe foi incumbida.

Nunca soubemos adular, e aplaudir o que a outros merece as honras da apotheoze. O nosso modo de ver as couzas é muito differente. Somos amigos sinceros do ministerio, mas não sabemos faltar á verdade. O nosso apoio tel-o-ha em todas as questões de publico interesse. No que fortido por nós como prejudicial, e inconveniente, seremos inexoraveis, mostrando mais uma vez que não falseamos os deveres que contraimos ao afiliar-nos no gremio da imprensa.

BARRA D'AVEIRO.

A barra d'Aveiro tem melhorado consideravelmente n'estes ultimos tempos. A' boa direcção das obras que alli se teem feito se deve tão prospero resultado. A profundidade das aguas quer na praiamar, quer na baixa-mar dá facil ingresso a embarcações de maior arqueação, que as que até aqui teem fundeado no nosso porto.

E'-nos grata a noticia porque faz ver, que com pequenos recursos tambem se conseguem famosos melhoramentos. Será bom que o governo continue a habilitar a direcção das obras da barra d'Aveiro, a fim de que se realise o projecto que o sr. engenheiro Silverio estudou e elaborou, a bem do commercio d'esta parte do paiz.

Já que fallamos da barra cumpre-nos dizer o modo engenhoso porque a pedra é alli transportada para a continuação do paredão do sul.

Todos sabem quanto é dispendioso e demorado o transporte de materiaes, principalmente á beira-mar, onde as saleiras nem sempre podem ir, em consequencia das correntes d'agua, e do vento. O sr. engenheiro Silverio achou um meio facil de vencer a distancia e a intemperie das estações, assentando *rails* sobre o paredão na extensão de um kilometro, e fazendo girar sobre elles um carro, que com o auxilio de uma vela percorre aquelle espaço em um minuto, levando o volume de seis metros cubicos de pedra, ou duas saleiras. A brevidade e economia da communicação tem servido de muito nas actuaes circumstancias, tornando-se digno de louvor o zelo com que o sr. Silverio se tem havido nesta importante commissão.

Por pouco que nós entendamos de couzas de engenharia, este modo de abreviar e economisar, sem que por tal meio a estação possa influir no transporte dos materiaes necessarios para o prolongamento das obras do paredão, mereceu os nossos reparos, e deu-nos mais uma prova do que pode a intelligencia robusta quando se casa ao zelo, dedicação, e estudo d'aquelles a quem está commettida a direcção de importantes trabalhos.

A barra d'Aveiro ha de ser para o sr. Silverio uma coroa de muito preço, e oxalá que o distincto engenheiro chegue a realisar a missão de que expontaneamente se encarregou.

OS CATHOLICOS EM DEBANDADA.

II.

Senão és tolo és velhaco,
E talvez que sejas tudo.
N. T.

O redactor do *Bem Publico*, fugindo vergonhosamente da questão primitiva sobre o poder temporal do papado, fez-se forte em diatribes, impugnando apenas alguns argumentos que aduzimos para o convencer de que se havia perdido em trivio enredado. Ora oiçam o erudito contemporaneo em uma das suas philipicas mais primorosas:

«Lembramos só ao articulista (o *Campeão*) que havia um thesoureiro no collegio dos apostolos quando Jezus presidia a elle. Pedimos-lhe que *o veja* no templo, armado do azorrague para punir com o mesmo braço que levantava para abençoar; e depois condemnando sobre a cruz etc.»

Examinemos o periodo. Confessamos ingenuamente que ignoravamos, ser o thesoureiro do collegio dos apostolos quem expulsou do templo os agiotas e mercadores, padecendo morte de cruz no topo do Golgotha, onde perdoou a Dimas, condemnando o mau ladrão. Sabiamos pelos santos evangelistas, que Jezus tinha sido conduzido ao calvario, e ahi morrera sob poder de Poncio Pilatos, que perdoara a Dimas, e que fora elle quem azorragara no templo os que alli mercadejavam; mas nem sequer nos passara pela ideia que o filho de Maria tivesse sido thesoureiro no collegio dos apostolos, a que presidiu. Agradecemos ao *Bem Publico*, a lição, que archivamos, para que se conheçam mais uma vez as bullas com que o collega se apresenta como orgão do partido ultramontano.

Ha advogados que compromettem com as suas leviandades a causa que buscam defender. A folha de Lisboa está n'este caso; Deus a illumine para bem dos principios que deseja estabelecer, em menoscabo dos preceitos da religião do Christo.

Vamos agora a outro acessorio. Dissemos que a eleição de Estevão IV tivera logar na presença dos commissarios de Luiz o *bondoso*; aqui o contemporaneo faz grande gritaria para provar que o imperante a que nos referimos se devia chamar o *pio* e não o *bondoso*! A esperteza, porém, não lhe aproveita. Os francezes accrescentaram ao nome do monarcha o cognome de *débonnaire*, que quer dizer bonachão, bondoso, benigno, affavel etc: e o *Bem Publico*, pretende que deviamos dizer *pio*, e não ha tiral-o da teima! Depois o erudito em ninharias accrescenta que ordenamento não é o mesmo que ordenação, isto a proposito de Pascoal I, que se desculpou com o imperador da precipitação com que foi eleito. O jornal ultramontano pretende que houve erro na interpretação da decretal d'este papa. Haveria, mas o collega não nos cita testemunho em contrario, em quanto nós dizemos com mr. Guizot, que não merecerá muita confiança ao *Bem Publico*, mas que para nós é uma grande auctoridade.

O inimitavel cerzidor de retalhos historicos pode pensar como quizer, e apresentar-se como poder na estacada da discussão. As suas opiniões são tidas por nós como ditos de jogral goliardo, sentado á mesa de senhor feudal tendo decorado o espaldar da cadeira de longas orelhas azininas, como symbolo de tão distincta profissão.

Luiz o bondoso estabeleceu que á eleição dos papas assistissem sempre os commissarios do imperador. O contemporaneo nega o facto, dizendo que só oito annos depois é que foi resolvida a assistencia dos commissarios áquelle acto. E' ainda mr. Guizot exauctorado pelo causidico de contrabando!

Depois dirige-se-nos com as bolfas dilatadas:

«Como parece ter invocado a auctoridade de Guizot, diz elle, sobre o modo da eleição dos papas, só para separar-se d'ella com aparato, *achamos desnecessario examinal-a*.»

Isto é que é a nata da sabedoria. Guizot é um parvo na opinião do *Bem Publico*, que é um trapalhão em historia e chronologia, pois asseverou que Martinho I tinha vivido duzentos e tantos annos depois da sua morte, e para cobrir o disparate acrescentou, que Martinho II, com quem tinha confundido aquelle, tambem se chamava Martinho I, supina heresia de que a Academia ficaria invejoso, ou soberbo se lhe tivesse dado a paternidade.

Eis ahi confirmadas mais uma vez as nossas asserções, de que o *Bem Publico* decide tudo ex-cathedra sem previo conhecimento da materia. Que precisão tem elle de consultar mr. Guizot? Que auctoridade tem este escriptor? Que conceito merece? De que serve citál-o? Os creditos da folha ultramontana resistem a todas as provas, por que para ella não ha forcas caudinas, ha só leitos de rosas. Convencido da sua omnisciencia, o contemporaneo pronuncia-se abertamente, ainda que não tenha compulsado os livros sagrados. Assim é facil contradictar os outros, e pompear erudição, a despeito das mais triviaes noções de gramatica, de logica, de chronologia, e historia.

Continue o sabio improvisador, que nó cá estamos para lhe assentar o latego.

FOLHETIM.

A BATALHA DE MELAZZO.

Segunda carta de M. Alexandre Dumas ao general Carini, commandante de cavallaria em Palermo.

Meu querido Carini.

Perdão mil vezes, por ter interrompido hontem a minha carta no ponto mais interessante; mas eu estava, como todos os nossos bravos italianos, extenuado de fadiga: tinha, como o general necessidade de beber um copo de agua, de comer um pedaço de pão, e dormir. O general, convidando-me para o dia seguinte, só podia offerecer-me a sua cama, isto é, a calçada da rua ou as lageas da egreja. Preferi a areia do mar.

Disse a quatro dos meus marinheiros que me esperassem na praia, do lado occidental do golpho; deviam armar uma barraca, e atracar o escaler.

Ali estavam, com effeito.

O general esperava uma sortida dos napolitanos durante a noite, e tinha, por consequencia, dado ordem de guardarem com a maior vigilancia as portas da cidade que davam para o castello, e levantar barricadas.

Antes de por-me a caminho, quiz avaliar com os meus olhos como se cumpriam as suas ordens. Visitei as portas da cidade que davam para o castello; uma sentinella, caindo de fadiga, guardava-as no meio de quinze homens adormecidos. A sentinella era forçada a passear constantemente, para não ser dominada pelo somno, e ainda assim dormia em pé.

Quanto ás barricadas, tinham arrastado para á rua algumas mesas, caixas, taboas, etc., por cima das quaes podia saltar uma creança; porque os que trabalhavam nas barricadas haviam caido sobre a sua obra, apenas começada, e adormecido.

Aquelles bravos, como os espartanos de Leonidos, pensaram que os seus peitos eram sufficientes reparos para conter o inimigo.

Deixando a cidade rogando a Deus que não viesse á lembrança do general Bosco fazer brecha nestes vivos e inabalaveis reparos.

A um quarto de legua da cidade, encontrei os meus marinheiros. Deitei-me no tapete do meu escaler, e adormeci, certo, no fim de tudo, da humanidade que, ao lado dos seus vilipendios, faz surgir similhantes grandezas, e que fez contemporaneos Francisco II e Victor Manuel, Maniscalco e Garibaldi.

A noite, contra toda a espectativa, passou se em socego. Ao romper do dia, levantámo-nos. A «toilette» não custava a preparar; fizemo-nos ao mar, depois de dizer por signal á galeota, que não pudera ancorar pela grande profundidade, de aproximar se o mais possivel da praia.

A's cinco horas e meia da manhã, estavamos a bordo. O tiroteio havia recomeçado, mas ouvia-se do outro lado da peninsula, isto é do lado do porto.

O capitão metteu a prôa ao nordeste. Tinha fraco vento; e por isso, apesar do nosso desejo de passar ao outro lado, avançavamos pouco.

Só pelas nove horas conseguimos dobrar o cabo de Melazzo. A primeira coisa que vimos, assim que chegamos ao outro lado do pharol, foi o vapor *Tukeri*, revocado por vinte embarcações. Um pescador, que interrogámos, disse-nos que tinha na vespera quebrado a roda direita.

Garibaldi achava-se privado de um dos seus mais poderosos meios de acção.

A praia da peninsula apresentava o espectaculo de campo: vinte familias tinham se refugiado na praia, e acampavam debaixo de barracas improvisadas; outros estavam a bordo de escaleres ancorados perto da margem, e ao abrigo, pela diclividade da montanha, da artilheria do forte. Outras emfim, procuravam as grutas naturaes formadas pelo mar.

Vencemos rapidamente o largo, passámos ao alcance da artilheria; por escrupulo para a nossa susceptibilidade governamental, fizera arrear a bandeira e substituir pelo meu pavilhão pessoal.

O general Bosco não nos julgou dignos da sua colera, e deixou nos tranquillamente lançar ferro a 180 braças do forte.

D'alli podiamos ver os soldados napolitanos, bavaros e suissos apinhoados na praça do castello.

Os vastos edificios do forte estavam igualmente apertadissimos. Devia alli haver uma temperatura de 35 graus.

O *Tukeri* sempre rebocado pelas lanchas, passou a 50 metros de nós, e foi deitar ferro no porto.

A artilheria do castello ficou muda, e deixou o socegadamente desempenhar esta manobra.

Pareceu nos isto de bom agouro e pensámos que algumas negociações se tinham estabelecido entre italianos e napolitanos. Esta crença apoiavava-se não somente no silencio da artilheria, mas tambem na cessação do tiroteio.

Apenas tinhamos lançado ancora, que uma embarcação com *camisa vermelha*, é assim que em toda a Sicilia denominam os garibaldinos, se dirigiu para a goleta.

O general mandava-me dizer que entrasse no porto, e me collocasse ao abrigo do *Tukeri*. Um quarto de hora depois estavamos no porto indicado, e eu ia a bordo do *Tukeri*.

O general Garibaldi esperava-me alegre e tranquillo como sempre; é impossivel encontrar placidez de rosto egual á sua; é realmente o leão no repouso, como diz Dante. Nenhuma negociação se tinha estabelecido entre o forte e elle, mas o grande numero dos napolitanos o tranquillisava. Suppunha que o forte não estava abastecido para um largo sitio, e em breve sentiriam a falta de viveres ou munições.

Em quanto conversavamos, um pequeno barco chegou a remos; o general trocou algumas palavras com o homem que vinha a bordo, e depois deu ordens aos seus ajudantes de campo.

Um dos ajudantes disse me baixinho:

— Ha noticias de Messina; vamos ter grande tarefa.

O general só me dirigiu estas palavras com a maior serenidade. — Vamos ver a sua goleta.

Apresentaram-lhe uma letra para assignar; era um credito de 100:000$000 reis aberto para elle.

Depois de assignal-a, lançou um olhar para a minha embarcação e disse: — Se fosse rico, queria ter para mim uma goleta como a sua.

Tomae nota, sicilianos meus compatriotas, italianos meus irmãos; o homem que dispõe do sangue e do dinheiro da Sicilia, que dá hoje ao Piemonte dois milhões de homens, — este homem não tem dinheiro para comprar uma goleta de, quando muito, cinco contos de reis.

Hontem, comprava o a Cincinatus; mas ao pé deste homem maravilhoso, que só tem para descançar a cabeça, em noite de combate a sella do seu cavallo. Cincinatus era millionario. Cincinnatus, embainhando a espada tomava a charrua. Cincinnatus tinha uma charrua. Logo se possuia charrua, tinha terras.

Garibaldi tem o seu rochedo de Caprera apenas.

Passamos a bordo da goleta; despejou-se o contido em uma garrafa de vinho de Champagne nos copos que *apprehendi* no palacio real de Palermo e que são a minha parte nos despojos do rei Francisco II, e bebemos em nome da independencia da Italia.

Garibaldi bebeu agua, a sua bebida ordinaria.

Quando conversavamos no tombadilho, Garibaldi levantou-se de repente.

Um barco de vapor, vindo do lado de Palermo, dobrava o cabo de Melazzo.

Com a sua vista de maritimo, Garibaldi reconheceu-o logo.

— E' elle, disse o general:

E estendendo-me a mão:

— Até outra vez — me disse — volte a Palermo, combata o melhor que puder pela nossa causa, porque eu tenho que tractar um negocio a bordo daquelle barco.

Abraçámo-nos; elle foi para terra.

Esperava o um cavallo. Montou, e desappareceu nas ruas de Melazzo, e só appareceu um quarto de hora depois.

Em quanto se passou isto, o vapor aproximou-se, e a minha goleta apparelhou.

Os meus marinheiros lembravam-se de terem visto a nova embarcação, e julgavam-na ingleza; mas o vapor navegava sem bandeira, e não a içou.

A' vista do vapor, os barqueiros sicilianos, esperando dasembarque de passageiros, dirigiram os seus botes para o paquete mysterioso.

No momento em que elles estavam á distancia de cem metros, e cincoenta de nós, uma ligeira nuvem de fumo appareceu na plataforma do castello, e ao mesmo tempo ouvimos a detonação do tiro de artilheria, e o assobio da bala.

A bala caiu entre os barcos sicilianos, e o paquete fez se mais ao largo.

Ai, meu querido Carini, se visseis a desordem que se notava nos barqueiros!

Parte d'elles veiu abrigar-se atraz da nossa goleta, fraco abrigo, na verdade; livrará, apenas, de uma bala de espingarda ou revolver.

No meio d'estes barcos que fugiam assustados como um bando de passaros, um unico seguia em linha direita,—inflexivel como o valente que levava.

Era o do general Garibaldi.

O forte continuou a fazer fogo sobre o paquete; as pontarias, ou eram muito baixas ou muito altas; não o alcançavam.

Ao oitavo tiro, içou a sua bandeira. Era ingleza.

Apezar da bandeira ingleza, novo tiro de artilheria partiu do castello. Tambem foi o ultimo.

Estavamos a trinta metros do paquete. Voltou-nos a proa, e então pudemos ler: *City of Aberdeen*.

O general Garibaldi atracou o, subiu á coberta, e depois ao tombadilho.

Neste momento, passavamos lhe á pôpa.

Garibaldi deu-nos o ultimo adeus de boa viagem, e afastou-se a todo o vapor.

Passados dez minutos, sumia-se pelo cabo de Melazzo.

Eis, meu querido Carini, todos os promenores que posso dar vos, mas respondo pela sua exactidão. Amanha, ou depois de amanhã, segundo o capricho do vento, heide ver a formosa Palermo, que me fez seu cidadão, e abraçar-vos-hei.

Ali haverá logar para o orgulho e para o coração.

Vosso,

Alexandre Dumas.

22 de julho.

A batalha de Melazzo.

Carta de Alexandre Dumas ao general Carini, commandante da cavallaria na Sicilia.

Melazzo, sabbado 21 de julho, á noite.

Meu caro Carini. — Grande combate! grande victoria! 7:000 napolitanos fugiram diante de 2:500 italianos!

Entendi que esta boa nova seria um balsamo para a vossa ferida, e por isso vol-a escrevo aqui mesmo, debaixo do fogo do castello, que faz fogo muito desazadamente (façamos-lhe nós mais certeira justiça.) contra a cidade d'Edimburgo e contra a vossa muito humilde creada Emma.

Em quanto Bosco se entretem de lá a queimar a sua polvora, podemos nós aqui conversar. Conversemos.

Estava eu em Catanea, quando me roçou vagamente pelos ouvidos a noticia de ter sahido de Messina uma columna napolitana, que ia ao encontro do coronel Medici. Enviei immediatamente um mensageiro ao consul francez de Messina, o qual me respondeu que era exacta a noticia.

Levantamos ferro no mesmo instante, esperando chegar a Melazzo, ainda a tempo de vermos o combate.

E com effeito, d'ahi a dois dias, nós a entrarmos no golfo oriental, e o combate a principiar.

Eis aqui como correram as coisas. Podeis acreditar na exactidão dos factos, porque se passaram á minha vista.

O general Garibaldi, tendo partido de Palermo no dia 18, chegou no seguinte a Miri, ao acampamento de Medici, que nos dois precedentes dias já tinha entrado em alguns combates parciaes.

Apenas chegado, passou Garibaldi uma revista ás tropas de Medici, que o receberam com enthusiasmo.

No outro dia, ao romper d'alva, estavam todas as tropas em movimento, para atacarem os napolitanos, que vinham saindo do forte e povoação de Melazzo que occupavam.

Melenchini commandava a ala esquerda; o general Medici e Cosentz o centro; a direita, composta simplesmente de algumas companhias, só tinha por fim abrigar o centro e ala esquerda contra alguma surpreza.

O general Garibaldi poston se no centro, isto é, onde elle entendia que mais viva seria a refrega.

O fogo rompeu pela esquerda, a meio caminho de Miri a Melazo.

Os postos avançados napolitanos estavam escondidos por entre os canaviaes.

Ao cabo de um quarto d'hora de tiroteio pela esquerda, o centro vindo a achar-se por seu turno em frente da linha napolitana, atacou-a e desalojou-a da sua primeira posição.

Durante esse tempo, a direita expulsava os napolitanos das cazas por elles occupadas.

Mas as difficuldades do terreno eram um obstaculo á chegada de soccorros. Bosco fez marchar um corpo de 6:000 homens contra os quinhentos ou seiscentos contrarios que o tinham forçado a recuar, e que, opressos pelo maior numero, forçados se viam tambem a recuar por seu turno.

O general mandou immediatamente vir reforços; e, chegados estes, de novo foi atacado o inimigo, que se encobria por entre os canaviaes e figueiras do inferno.

Era uma grande desvantagem para os italianos, que não podiam atacar á bayoneta.

Medici, marchando á frente das forças do seu commando, viu cair morto o cavallo em que montava.

Cosentz recebeu no pescoço o golpe d'uma bala já amortecida, e caiu; julgavam-no mortalmente ferido, mas de repente viram no levantar-se gritando: «Viva a Italia!» Tinha recebido apenas um ligeiro ferimento.

O general Garibaldi poz-se então á testa dos carabineiros genovezes com alguns guias, e Mizori. O intuito que levava, era flanquear os napolitanos, e atacal-os de lado, cortando assim a retirada a uma parte delles; mas encontrou no caminho uma bateria de artilheria que se oppoz a esta manobra.

Mizori e Statella avançaram então pela estrada com uns cincoenta homens; o general Garibaldi collocou-se lhes á frente, e dirigiu o ataque. A vinte passos, rompeu fogo uma peça carregada de metralha.

O estrago foi terrivel; cinco ou seis homens sómente ficaram de pé. O general Garibaldi ficou sem a *sola* de uma bota e sem um *estribo*; o cavallo, em que montava, foi ferido, tornou-se indomavel, e forçoso foi deixal-o ir desenfreado, levando tambem um revolver, que não houve tempo de tirar-lhe.

O major Breda e o seu corneta cairam mortos ao lado de Garibaldi; Mizori caiu tambem abaixo do cavallo, que estrebuxava mortalmente ferido; Statella permanecia de pé no meio de um furacão de metralha; todos os outros, ou estavam mortos ou feridos.

Aqui as circumstancias desapparecem no conjuncto uniforme da refrega; todos se batem, e batem-se a valer.

O general vendo então a impossibilidade de tomar a peça de artilheria, que tinha produzido de frente aquelle estrago, manda vir as companhias do coronel Donon, e lança-se com ellas por entre os canaviaes, recommendando a Mizori e a Statella que, atravessado que fosse aquelle espaço, tratassem de saltar por cima da parede que deviam encontrar em frente, e, transposta essa, como estivessem perto da peça de artilheria, se apoderassem della.

Com muita firmeza e bravura foi executado o movimento pelos dois officiaes, e por uns cincoenta homens que os seguiam; mas quando elles chegaram á estrada, a primeira pessoa com quem toparam, foi o general Garibaldi, a pé, e de espada em punho.

Neste momento, a peça d'artilheria faz fogo e mata alguns homens; os outros correm a ella, tomam-na, e arrastam na para o lado dos italianos.

Abre-se então a infanteria napolitana, e dá passagem a uma carga de cavalleria, que avança para rehaver a peça.

Os homens do coronel Donon, pouco familiarisados com a guerra, affastam-se para os dois lados da estrada, em vez de sustentarem a carga á bayoneta; mas, á esquerda acham-se retidos pelos figueiraes, e á direita por um muro, a cavalleria passa como um turbilhão; dos dois lados rompem então fogo os sicilianos, cujo terror de um instante havia já desapparecido.

Espingardeado pela direita e pela esquerda o official napolitano pára, e quer voltar a traz; mas nisto encontra no meio da estrada a embargar-lhe a passagem o general Garibaldi, Misori, e Statella com uns cinco ou seis homens mais.

O general lança a mão ao freio do cavallo do official, gritando-lhe: «Rendei-vos!» O official por unica resposta, joga-lhe com a espada um lanço de mestre; mas Garibaldi apara-o ainda a tempo, e com um golpe de revez parte a cara ao official, já comsigo em terra.

Alção-se então umas trez ou quatro espadas sobre o general, que vara com uma estocada a um dos aggressores; Mizori mata dois outros, e o cavallo d'um terceiro, com tres tiros de revolver; Statella esgrime tambem pela sua parte, e estende um soldado; um outro desmontado, lança-se ao pescoço de Misori, que lhe esmigalha a cabeça com um tiro de revolver á queima roupa.

Durante esta briga, trata Garibaldi de reunir os homens dispersos; trat-os de novo ao combate, e, em quanto se exterminam e aprizionam os cincoenta soldados de cavallaria, desde o primeiro até ao ultimo, chega em fim, auxiliado pelo resto do centro, a carregar á baioneta os napolitanos, os bávaros e os suissos.

Os napolitanos fogem, os suissos e os bavaros ainda fazem frente por um instante, mas a final fogem tambem. Não ha já que duvidar do resultado da batalha; não é ainda a victoria mas não pode tardar para os heroes da Italia.

Todo o exercito napolitano vai em retirada para Melazo; seguem-no as forças italianas, e chegam ainda a avançar até ás primeiras cazas; mas ai a artilheria do forte começa a intervir no combate.

Conheceis a situação de Melazzo, que está edificada a cavalleiro d'uma peninsula.

O combate que tinha principiado no golfo oriental, fôra caminhando pouco a pouco para o golfo occidental.

No golfo estava a fragata «Tukeri», antiga «Véloce.»

Ora o general Garibaldi, que ainda se lembra de que principiou por ser maritimo, corre ao convés, trepa ás vergas, e d'ahi domina o combate.

Uma turma de cavallaria e d'infanteria saia do forte em soccorro dos camaradas; Garibaldi manda apontar uma peça de sessenta contra aquelle reforço, e, a um quarto de alcance, espalha-os com uma saraivada de metralha; os napolitanos não esperam por segundo tiro, e largam a fugir.

Trava-se então uma luta entre o forte e o navio.

Logo que o general Garibaldi conhece ter attraido sobre si o fogo do forte, salta a uma lancha com uns vinte homens, manda remar para terra, desembarca, e lança-se ao mais accezo do tiroteio de Melazzo.

O tiroteio prolonga-se ainda por espaço de uma hora, depois que os napolitanos, rechassados de caza em caza, se recolhem ao castello.

Do convés da escuna, tinha eu assistido a todo o combate, e anciava por ir dar um abraço no vencedor.

A noite aproximava-se; tratei de desembarcar, e, ainda por entre os ultimos tiros, entrei em Mellazo.

E' difficil fazer uma ideia da desordem e do terror que reinam pela cidade, pouco patriota, segundo dizem. Os feridos e os mortos acham-se estirados pelas ruas. A caza do consul francez está atulhada de moribundos; e o general Cosentz lá jaz no meio dos outros feridos.

Ninguem me sabia dizer onde paravão Medici e Garibaldi; mas a final, no meio d'um grupo de officiaes, reconheci o major Cenni, que se encarregou de me conduzir á prezença do general.

Chegamos á beira-mar, e fomos andando pela praia, até que encontramos Garibaldi no apendre d'uma egreja, com o seu estado maior deitado em volta de si.

O general estava estendido nas lages, com a cabeça recostada n'uma sela, oppresso de cansaço: estava a dormir.

Tinha a cara junto a si: um pedaço de pão, e um pucaro de agua.

Meu caro Carini, pareceu-me que a minha edade recuava 2,500 annos, e que me achava ali ao pé de Cincinnatus.

Deus vol-o guarde, meus caros sicilianos. Se o perdesseis, o mundo inteiro não vos daria outro.

Muitas cozas tenho ainda que dizer-vos, mas dir-vol-as-ei de viva voz.

O general acaba de abrir os olhos; reconheceu-me, e promette-me todo o dia de ámanhã.

Vosso do coração,

ALEXANDRE DUMAS.

SCENAS DE SANGUE E MORTE.

São notaveis os promeneres sobre a carnificina operada pelos muzulmanos no Oriente contra os christãos, contidos na carta seguinte, escripta de Beyrouth a um jornal estrangeiro.

A 20 de junho um terrivel assassinato rebentou nas ruas de Beyrouth, e se não fosse a energia que desenvolveram os commandantes dos navios, terminaria por um massacre geral dos christãos.

Um christão, atacado pela manhã no basaar por muitos musulmanos, foi obrigado a fazer uso das suas armas para se defender resultando d'aqui ficar um turco morto. Apenas se espalhou a noticia, desenvolveu-se uma incrivel effervescencia nos districtos muzulmanos. Fecharam-se todas as lojas. Os christãos e os proprios europeus foram ameaçados e bastonados; e duas irmãs da caridade soffreram a mesma sorte. Os musulmanos percorriam as ruas vociferando. Um soldado turco chegou a levantar o sabre contra o consul de França, conde de Bentivoglio.

Para tranquillisar a exaltação dos espiritos era necessario uma victima expiatoria ao fanatismo musulmano. Apprehenderam um desgraçado maronita que passava na rua, e arrastaram-no até ao tribunal. Ali, vinte testemunhas se levantaram para declarar que o tinham visto ferir o musulmano. Enfenderam que não valia a pena movar que a rixa se passou pela manhã antes de se abrir o basaar, sem que tivesse havido uma unica testemunha do facto. Condemnaram no immediatamente á morte, e sem perda de um instante, conduziram-n'o á praça principal de Beyrouth, onde o decapitaram.

Trez dias depois, ainda eu vi o seu cadaver mutilado exposto na mesma praça. Já não tinha fórma humana. Um bom muzulmano julgar-se-hia deshonrado se tivesse passado junto d'elle sem lhe escarrar em cima, sem lhe atirar com uma pedra, ou sem lhe dar um pontapé. As mulheres e as creanças eram as que principalmente mostravam mais ardor em prodigalisar os seus odiosos insultos a um cadaver.

Vêde, pois, qual é a nossa situação actual. Os massacres e os incendios tem cessado nas proximidades de Beyrouth, por não haver agora mais quem matar, nem que queimar. Mas continuam com mais furor do que nunca em Sayda e Sour. Ha quatro dias esteve a primeira d'aquellas cidades tão gravemente ameaçada que o commandante do brigue *Sentinella*, estacionado no porto, julgou dever desembarcar 32 homens e um obuz para garantir a tranquilidade.

Além d'isso, o contagio do fanatismo parece estender se a toda a Syria. Em Damasco continua a estar se muito inquieto, e segundo as ultimas informações consulares chegadas aqui venderam se publicamente no baasar d'aquella cidade os christãos conduzidos pelos druzzos. Em Alepo, houve já uma scena de assassinato, em que foram mortos muitos christãos. Em Djebad refere-se um combate em que os maorutas alcançaram a superioridade. Ao pé de S. João d'Acre acabam de ser queimadas trez cidades christãs. Em Jaffe a situação é tão ameçadora que os consules julgaram dever intervir junto do governador. Houve assassinatos proximo de Nazareth e de Naplouse, e no caminho entre Jaffe e Jerusalém.

Quanto a Beyrouth, gosa se ali agora de uma tranquillidade relativa. A cidade foi posta em estado de sitio, mas isto não impede que haja assassinatos quasi todos os dias, commettidos ás portas dos bachibouzucks e pelos *Zaptles*, ou gendarmes ottomanos. E o enthusiasmo ali é tão grande como outr'ora. Tudo quanto está em circumstancias de pagar a sua passagem em um vapor, foge a toda a pressa, e dentro em poucos dias não haverá um unico christão em Beyrouth. O commercio está inteiramente arruinado. Emfim estamos quasi reduzidos á fome, porque, tirando a cidade de Beyrouth todos os seus provimentos ordinarios da montanha, das immediações de Damasco e das de Sayda, nada ha agora n'aquelles differentes paizes.

Mas este não é o maior perigo que nos ameaça. A cidade está accumulada de milhares de refugiados sem pão e sem asylo, que por toda a parte dormem e bivaqueiam, nos jardins nos pateos das casas, nas egrejas, nos consulados, e mesmo nas ruas. Em Sayda, existem 2:000 circumscriptos no recinto do *khan* francez, e d'esses 2:000 um grande numero está ferido. Emfim o numero dos refugiados no limitado territorio de Kessrouan eleva-se a 40:000. O clima do lado da Syria é dos mais saudaveis do mundo, mas receia-se que similhantes agglomerações de gente produzam alguma terrivel epidemia, e no *khan* de Sayda já se manifestou o cholera.

Para vos dar uma idéa das miserias em que nos achamos aqui, convido-vos a seguir-me em algumas das excursões que tenho feito para destribuir os soccorros de que me encarregaram.

Iremos em primeiro logar ao estabelecimento das irmãs da caridade.

Este estabelecimento é um dos melhores, e mais vastos que existem no Oriente. Em estado ordinario, contém um hospital um dispensario, uma casa para orphãs, um hospicio para creanças desamparadas, um pensionado, uma escolla gratuita, e uma escolla normal que fórma, entre as filhas do paiz, as instructoras para as cidades christãs da montanha.

Agora acabou a pensão e as escolas. Toda a casa está reduzida a um immenso hospicio. Estão ali reunidos duzentos feridos nas antigas sallas do hospital, nas classes, nas proprias camaras das irmãs. Além d'isto um egual numero vem diariamente tratar-se ao dispensorio. As irmãs da caridade distribuem todos os dias pão a um milheiro de mulheres e creanças, que não teem outro recurso.

Como occorrem ellas a tudo isto? Só Deus o sabe.

Entrámos na companhia da superiora e visitamos com ella as sallas dos feridos.

Começaremos pelas sallas das mulheres. Trez sallas estão completamente cheias; vedes esta mulher, recebeu um golpe de *gatagan* que lhe abriu o rosto de uma á outra orelha: esta teve o pulso quebrado com um golpe de sabre quando tentava defender seu marido, que foi morto na sua presença; esta outra levou sete tiros, dos quaes um penetrou no baixo ventre, atravessando-lhe os intestinos. Aqui está uma pobre velha que veio do Deir el-Kamar; tem 80 annos, e os soldados turcos lhe quebraram, ou para melhor dizer esmigalharam os braços, com a coronha de uma espingarda. A gangrena desenvolveu-se, e os seus braços estão em completa putrefacção, e a carne que ainda existe cahe aos pedaços; o cheiro é de tal maneira infecto, que é com difficuldade que se póde estar por um instante no quarto em que ella se acha só.

N'outra salla está uma pobre creança, cujos paes foram mortos. Não está ferida, mas foi tal a força da emmoção, que se acha accommettida da mais violenta febre typhoide. Ha uns poucos de dias que está em delirio. Quando entrei na salla, sentindo um homem, levantou-se em pé na cama, apesar dos esforços que para o conter fez uma das irmãs, e esclamou, com um accento de terror profundo: que já mais me vem matar!

Seria necessario um volume para referir tudo quanto vi nas trez sallas em que se achavam as mulheres.

Quero tambem dizer algumas palavras das sallas dos homens, que são muito mais numerosas. Devo confessar que ali a minha emoção foi muito menos viva, porque é um espectaculo a que estamos mais habituados. Quem é que no meio das guerras civis não tem visto as ambolancias? Mas aqui, ha alguns excessos de crueldade que fazem horror. Os ferimentos recebidos em Deir-el-Kamar são terriveis.

Aqui estava um pobre rapaz que soffreu uma amputação, mas com o calor que faz, desenvolveu-se o tétano, e deve morrer antes de anoitecer, ai, um velho que tem ambos os braços escangalhados, mais adiante, outro que recebeu um pr fundo golpe na nuca, quando tentaram decapital-o, e outro na garganta que lh'a abriu inteiramente! outro tem as pernas quebradas com um tiro; outro com o ventre ragado. N'um leito estava um pobre diabo grego, que por acaso fora a Dier-el-Kamar, e que tem um ferimento de balla na coxa. Não comprehende arabe, nem francez, nem italiano as trez linguas que fallam as irmãs da caridade. Estivemos a vel-o com o consul da Grecia, que lhe f llou a sua lingua, mas elle não sabe quem é, nem aonde está; o susto foi tal que o tornou edliota.

É tudo isto que se vê no estabelecimento das irmãs da caridade. Não poderei dizer bastante a respeito da dedicação que empregam essas admiraveis mulheres, que se tem tornado idolo de todas as povoações christãs de Beyrouth, sem distincção de rito nem de communhão.

Não se limitam a sustentar um grande numero de pobres por meio de distribuições de pão, e a cuidar dos feridos. Acabam de fundar sem recursos, mas com confiança no auxilio de Deus, uma obra admiravel. O espectaculo mais horrivel talvez de todos os que temos diante da vista, é o da prostituição entre os desgraçados refugiados que vagueiam na cidade. Em geral as filhas christãs da montanha são de notavel belleza; isoladas, privadas principalmente de seus paes, soffrendo a fome por muitos dias, impellidas pela necessidade, umas, entram nos harens turcos, onde se tornam apostatas, outras, vendem-se por um pedaço de pão.

Consternada por este espectaculo, a irmã superiora abriu na sua casa um asylo para todas as raparigas que ali quizessem estar ao abrigo da desgraça. Em um só dia concorreram 150; e ainda hão de vir mais. Mas as irmãs não tem dinheiro nem recursos. E' necessario que a caridade da Europa venha desde logo em seu auxilio, se não quer que tudo quanto ellas teem feito fique perdido.

Proximo á casa das irmãs de caridade catholicas, fica a do arcebispo grego *orthodoxo*. Estão alli doze mil refugiadas das provincias de Hasbeya e de Raschaya. Visitei os em companhia do proprio arcebispo, e quando me fallavam das suas desgraças, lagrimas abundantes corriam de seus olhos sobre as suas barbas brancas. Entre estes refugiados, ha um certo numero de feridos, mas ligeiramente, porque, disse-me o arcebispo, os outros foram entregues ao cuidado das irmãs.

Effectivamente, os turcos que tão de ordinario praticam a maxima *divide ut imperes*, alcançaram um resultado que certamente não esperavam. No meio da perseguição commum, desappareceu inteiramente a divisão entre os christãos. Já não ha nem catholicos nem gregos; ha servos de Jesus Christo feridos juntos pela causa da cruz. Fiquei admirado d'isto hoje, vendo entrar no meu aposento o bispo catholico e o bispo grego de Zahleh. Como eu mostrasse gostar de os ver assim unidos, o bispo grego, o unico a que pude dirigir-me directamente, porque o bispo catholico só fallia o arabe, respondeu-me: «Ainda nos não separamos desde a queda da cidade. Somos dois irmãos em Jesus Christo, que soffremos pela mesma fé; como poderiamos separar nos?»

SECÇÃO DE COMMUNICADOS.

Do *Transtagano* transcrevemos o seguinte:

HOMENAGEM Á VIRTUDE.

Em Nanterre, proximo a Pariz, ha um costume secular, que resiste puro á desordem moral, que macúla os tempos d'agora.

Todos os annos, no domingo do Espirito Santo, a donzella, que por sua exemplar conducta, pureza e mais virtudes, é designada para receber as honras da coroação, é conduzida triumphalmente da sua morada á egreja parochial. A guarda nacional, em armas, de grande uniforme, e precedida da musica de um dos corpos de linha da guarnição de Pariz, fórma alas, e acompanha o prestito: no centro das suas fileiras marcham, duas a duas, todas as raparigas da povoação, vestidas de branco; e em seguida vae, pela mão da auctoridade administrativa, aquella filha predilecta da virtude, destinada a receber o honroso premio. Seguem-se os seus parentes, e apoz elles a quasi totalidade da população da villa. No templo espera-a o clero, em vestes sacerdotaes; e o parocho, conduzindo a donzella a um estrado elevado na capella-mór, e elegantemente adornado, colloca-lhe na cabeça uma corôa de rosas brancas. A municipalidade entrega-lhe um pequeno dote de 300 francos, (pouco mais de 50$000 réis) e os principaes cidadãos offerecem-lhe presentes variados e mimosos, ainda que de pequeno valor intrinseco. Em seguida o mesmo cortejo a reconduz á sua habitação, que em todo o resto do dia e noite é festejada, como se fosse a morada de um principe. Illuminações, musica, danças, fogo de artificio alegram o povo em dia tão festival.

Será isto um incentivo apreciavel para a conservação dos bons costumes? Quem o póde duvidar?

Ora, se nós havemos adoptado dos estrangeiros tantos usos prejudiciaes á moral publica, é de lamentar que olvidemos o que entre elles ha de bom e digno de imitação.

Eis-aqui uma festividade muito brilhante e civilisadora, que deveria banir as barbaras e perigosas corridas de touros. Se o povo não prescinde de *panem et circenses*, mostrem-lhe espectaculos que o moralisem.

Os homens honestos e philantropicos, que servem cargos municipaes, pensem na utilidade immensa d'esta instituição. Unicamente do seu impulso depende um tão valioso melhoramento nos costumes populares. Acostumados a exigir tudo dos poderes do estado, não se animam a innovações d'esta ordem, que não dependem senão da sua vontade. Se uma municipalidade abrisse exemplo, as mais seguil-o-iam pressurosas: o povo havia de applaudir e bemdizer uma festa tão sympathica, e os resultados para a morigeração popular seriam incalculaveis. Pelo menos, cada anno ministravam á sociedade uma mãe de familias, que ufana pela distincção recebida em quanto donzella, faria por se conservar sempre digna do geral apreço, e contribuiria para o aperfeiçoamento da futura geração com os seus conselhos e exemplo; estabelecia-se uma nobre ambição nas familias, de verem mais de uma vez sair do seu seio a escolhida; e o louvavel desejo de obter aquelle premio desviaria muitas jovens inexperientes dos escolhos da perdição. Emfim, haveria tudo a ganhar, e nada a perder com a instituição, que lembramos.

SECÇÃO PARLAMENTAR.

Camara dos srs. deputados.

(*Sessão em 21 de julho.*)

(PRESIDENCIA DO SR. BARTHOLOMEU DOS MARTYRES)

Á meia hora da tarde abriu-se a sessão, estando presentes 68 srs. deputados.

Acta approvada.

A correspondencia teve o devido destino.

Os srs. Chamiço, Costa Lobo, Silva e Cunha, e Blanc (Hermenegildo) mandaram para a mesa representações.

O sr. Camara Leme, mandou para a mesa um parecer da commissão de guerra; e 21 requerimentos de officiaes de infanteria n.º 13, e 24 de caçadores n.º 3, pedindo augmento de soldo.

O sr. ministro do reino, mandou para a mesa duas propostas: uma reduzindo a 600$000 rs. o ordenado de secretario da universidade de Coimbra; e outra para o governo ser auctorisado a elevar a 240$000 rs. o ordenado do porteiro da bibliotheca nacional de Lisboa.

Foram enviadas ás commissões respectivas.

PRIMEIRA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Continuação da discussão do projecto de lei n.º 71, para a concessão do cerco do collegio do Carmo á ordem terceira de Coimbra.

O sr. Luiz Albano, mandou para a mesa uma substituição para ser só concedida a cerca, exceptuando a parte do terreno que for necessaria para a estrada que vá da azinhaga do Carmo ao cemiterio segundo o plano que for approvado pelo conselho das obras publicas.

Foi admittida, e depois de alguma discussão foi approvada, sendo rejeitado o artigo offerecido pela commissão.

O artigo 2.º foi approvado.

Passou-se á discussão do projecto de lei n.º 53, convertendo em lei as disposições do decreto de 24 de junho de 1850, que dependem da sancção das cortes, com as alterações juntas.

Foi approvado na generalidade e especialidade sem discussão.

O sr. Justino de Freitas, mandou para a mesa o parecer da commissão de fazenda sobre a reclamação do cutter *Herald*.

Seguiu-se o projecto n.º 105, regulando que os egressos das extinctas ordens religiosas percebam as suas prestações sem necessidade de outras habilitações, além do facto de terem pertencido a qualquer das mesmas ordens.

O sr. Gavicho, sustentou e mandou para a mesa uma proposta para que as prestações sejam pagas por inteiro.

Foi admittida.

O sr. Gomes de Castro, mandou para a mesa um parecer da commissão de pautas.

Tendo dado duas horas suspendeu-se a discussão do projecto n.º 105, e passou se á

SEGUNDA PARTE DA ORDEM DO DIA.

Discussão do orçamento.

Tiveram a palavra sobre o orçamento do ministerio da guerra, os srs. Camara Leme, ministro das obras publicas, ministro da guerra, Mousinho, D. Rodrigo de Menezes, Cyrillo Machado, Palmeirim, e Pinto da França, que fizeram largas considerações sobre o estado do nosso exercito, mostrando as suas necessidades, e indicando reformas que julgam deverem fazer-se.

Seguidamente foram approvados os projectos de lei n.º 95 D, que extingue a classe dos tenentes generaes supranumerarios; e o n.º 95 E que supprime o deposito de cavallaria.

Foi rejeitada uma proposta do sr. Camara Leme, para que se eliminem do orçamento da guerra os soldados dos officiaes que estão em commissões nos outros ministerios.

O orçamento da guerra foi approvado.

Entrou em discussão o orçamento do ministerio da marinha.

O sr. ministro da guerra, deu explicação sobre os argumentos apresentados durante a discussão do orçamento da guerra.

Os srs. Camara Leme e Abranches mandaram para a mesa emendas augmentando o vencimento de alguns empregados da marinha.

Os srs. ministro da marinha e Palmeirim declararam que não podiam acceitar essas propostas; e seguidamente foi approvado, e rejeitadas as propostas dos srs. Camara e Abranches.

O orçamento do ministerio dos negocios estrangeiros foi logo approvado.

Passou-se ao orçamento do ministerio das obras publicas.

Depois de algumas discussões do sr. Bivar ficou suspensa a discussão por ter dado a hora.

O sr. presidente, deu para ordem do dia de segunda-feira na 1.ª parte da discussão do orçamento, e os n.os 99, 63 e 104; e na 2.ª parte a continuação do n.º 105, e os mais que já estão dados, e mais o n.º 98, levantou a sessão.

Eram á horas da tarde.

Sessão de 23 de julho.

Presidencia do sr. Bartholomeu do Martyres.

A' meia hora da tarde abriu-se a sessão, estando presentes 69 srs. deputados.

Acta approvada.

A correspondencia teve o devido destino.

Os srs. Antonio Feio, Monteiro Castello Branco e Feijó, mandaram para a mesa representações.

O sr. ministro da fazenda, mandou para a mesa uma proposta para que a contribuição do registo seja isempta do imposto additional dos 5 p. c., creado pela carta de lei de 1844, bem como do imposto do sello de conhecimentos estabelecidos pela carta de lei de 10 de julho de 1843.

Foi mandada á commissão de fazenda.

O sr. ministro da justiça mandou para a mesa 6 propostas de lei concedendo pensões, já decretadas pelo seu antecessor.

A' commissão de fazenda.

O sr. Gaspar Pereira, renovou um projecto que apresentou na penultima legislatura sobre fallencias, e pediu aos membros da camara e ao sr. ministro da justiça, que estudem esta questão no intervallo da sessão, para se discutir na sessão seguinte.

O sr. ministro da justiça, declarou que acha esse negocio muito importante, e que se ha de occupar d'elle.

O sr. Luiz Albano, mandou para a mesa uma proposta, que ficou para segunda leitura.

ORDEM DO DIA.

Continuação da discussão do orçamento do ministerio das obras publicas.

O sr. Bivar, sustentou e mandou para a mesa uma proposta para que se elemine do orçamento a pensão concedida ao conde de Penaficl.

O sr. ministro da fazenda, disse que estando a sessão muito adiantada, e convindo votar-se o orçamento antes de findar o mez, parecia lhe melhor que esta proposta fosse á commissão de fazenda, para dar parecer independentemente da votação do orçamento.

O sr. D. Rodrigo de Menezes, sustentou e mandou para a mesa, uma emenda no mesmo sentido que a do sr. Bivar.

Continuando a discussão tiveram a palavra os srs. Nogueira Soares, Mendes de Vasconcellos, e Affonseca, que mandaram para a mesa propostas e additamentos; e tendo dado algumas explicações os srs. ministros da guerra e obras publicas passou-se á votação e resolveu se que a emenda do sr. D. Rodrigo fosse á commissão de fazenda para sobre ella dár o seu parecer durante esta sessão; e foi approvado o parecer com o additamento mandado para a mesa pelo sr. Mamede, por parte da commissão para se crearem mais alguns carteiros em algumas terras do reino.

O sr. Palmeirim, mandou para a mesa uma proposta para ser remettida ao governo.

O sr. Costa Lobo, mandou para a mesa um parecer da commissão de fazenda.

Entrou em discussão o orçamento da despeza extraordinaria que foi approvado.

Seguiu-se o projecto de lei n.º 95 B que fixa a despeza do estado no actual anno economico que foi approvado sem discussão.

Passou-se ao projecto de lei n.º 95 C, approvando as disposições do decreto de 19 d'agosto de 1859, na parte que carece da sancção legislativa, por ter sido excedida a auctorisação concedida pela carta de lei de 4 de junho do mesmo anno.

Foi logo approvado.

Seguiu-se o projecto de lei n.º 95 A, sobre a receita do estado, para o actual anno economico.

Os artigos 1.º e 2.º foram approvados.

Entrou em discussão o artigo 3.º

Os srs. visconde de Pindella e Camara Leme sustentaram e mandaram para a mesa propostas, no sentido de alliviarem os militares e empregados civis do estado de uma decima.

O sr. ministro da fazenda, disse que ha muito tempo que tem reconhecido a necessidade de augmentar os vencimentos dos servidores do estado, mas no momento em que se pedem tantos sacrificios ao paiz, julga que neste anno se não póde fazer mais do que se propõe; sendo já um accordo do governo actual de que hão de tirar-se outros 5 por cento, não se podendo comtudo fazer isto por agora.

Fizeram ainda algumas considerações os srs. Coelho de Carvalho, D. Pedro, e José Estevão; e julgou-se a materia discutida.

Foram rejeitadas successivamente as propostas para a diminuição das decimas e foi approvado o artigo 3.º

O sr. ministro da guerra, deu algumas explicações em relação á discussão que acaba de ter logar.

O sr. presidente, deu para ordem do dia de ámanhã, na 1.ª parte a continuação da discussão da

lei de receita; o n.º 93 sobre pautas, 93 sobre direitos de mercê, e 104 sobre vinhos; e na 2.ª parte a continuação do n.º 105, e os mais que estavam dados, declarando em ordem do dia os projectos de lei n.os 107 e 109, e levantou a sessão.

Eram 4 horas e um quarto.

SECÇÃO OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA.

Direcção geral das alfandegas e contribuições indirectas.

16.º Que, a fim de se animar a cultura do tabaco nas ilhas de Cabo Verde e Angola, serão obrigados os contractores a mandar ali comprar annualmente não menos de cinco mil arrobas; e o que ali fôr produzido pagará na alfandega um terço menos do direito menor.

17.º Que o tabaco manufacturado n'este reino, uma vez exportado para paiz estrangeiro, perderá a nacionalidade, nos termos da pauta geral das alfandegas e que não será portanto permittida a sua importação.

18.º Que para o despacho do lirio florentino, do melaço, ou de quaesquer outros generos ou objectos de que os contractadores carecem para a fabricação ou conservação do tabaco, se observarão as regras estabelecidas na pauta geral das alfandegas.

19.º Que o governo mandará fiscalisar o cumprimento das obrigações deste contracto, e especialmente a da condição oitava, expedindo para esse effeito as convenientes instrucções ás auctoridades administrativas, sem que todavia possam estas em caso algum, e por qualquer motivo ou pretexto, suspender ou impedir a venda dos tabacos, salvo sendo o tabaco avariado, ou que tenha adquirido vicio nocivo á saude, incumbindo-lhes sómente dar immediata conta pelo ministerio dos negocios da fazenda de tudo quanto occorrer, afim de que o governo proceda como achar justo.

20.º Que os contractadores terão a sua escripturação em forma regular e mercantil, a que o governo ou o tribunal do thesouro publico poderá mandar examinar, sempre que assim se julgue necessario, ou seja conveniente.

21.º Que os estrangeiros que forem caixas ou socios, directores da administração e expediente do contracto, ou socios, se entenderá haverem renunciado, em relação aos negocios d'elle, a quaesquer privilegios ou regalias que lhes competam, ou possam vir a competir-lhes por quaesquer tractados, concessões ou costumes para com as suas respectivas nações.

22.º Que deixando os contractadores, por qualquer motivo, de satisfazer ás condições deste contracto, de modo que n'elle, ou nos que a elle se segurem, padeça alguns damnos a fazenda publica, poderão ser logo removidos pela jurisdicção voluntaria e administrativa do tribunal do thesouro publico.

23.º Que ficará pertencendo a elles contractadores, durante o tempo do seu contracto, a faculdade exclusiva de que sómente elles possam mandar fabricar e vender todo o rapé e tabaco, assim de pó como de rolo, picado, em cigarros ou em charutos, de que poderem dar consumo n'estes reinos e ilhas adjacentes, assim como em Macáo; não o podendo vender por maiores ou menores preços do que os fixados na tabella annexa a estas condições, menos em Macáo, onde lhes é livre mandar vender pelo preço e na forma que lhes fôr mais conveniente como até aqui se tem praticado.

24.º Que pertencerá aos contractadores todo o tabaco e transportes que forem aprehendidos, e bem assim a importancia das multas pecuniarias, ficando porem elles responsaveis a satisfazer qualquer reclamação, ou premio a que possam ter direito os denunciantes ou aprehensores.

25.º Que todo o tabaco ou rapé que fôr comprado nas fabricas do contracto ou nas administrações das cabeças de districto, para ser levado para fóra do reino, será exempto de pagar direitos de saida em qualquer alfandega.

26.º Que para o acondicionamento do rapé, que exportarem para Macáo, lhes serão concedidas, livres de direitos, aquellas quantidades de frascos de Bohemia de que precisarem, ficando, porém, responsaveis, findo o contracto, a pagarem os direitos de consummo d'aquelles dos ditos frascos cuja reexportação se não houver verificado com aquelle destino.

27.º Que lhes será permittido o despacho de qualquer quantidade de tabaco manufacturado em charutos de que carecerem para o consumo do contracto, e que importarem por sua conta e risco; vindo, porém, os mesmos charutos em caixas pregadas, cujo peso bruto não seja menor de quatro arrobas.

28.º Que elles contractadores, e mais pessoas, a quem poderão arrendar ou traspassar algumas comarcas destes reinos, cidades ou villas, para lhes darem tabaco do estanco para provimento d'ellas, serão exemptos da contribuição da decima, pelo que respeita aos lucros que poderem ter como socios ou atredentarios no contracto.

29.º Que elles contractadores, arrendatarios, e pessoas que se occuparem no expediente da fabrica, e os estanqueiros de numero, não poderão ser obrigados a qualquer serviço ou cargo pessoal e publico, civil, municipal ou militar, uma vez que por si exerçam o emprego conforme o disposto nas portarias de 3 de julho de 1839, e 2 de setembro de 1843. Este privilegio não comprehende a exempção do recrutamento ao qual todos ficam sujeitos.

30.º Que elles contractadores, seus administradores, feitores e estanqueiro, poderão usar a bem do contracto, de todas as armas, mesmo das prohibidas, quer offensivas, quer deffensivas.

31.º Que, acontecendo em alguma terra não haver quem queira ter o estanco do tabaco, as auctoridades administrativas providenciarão para que não deixe de se vender o tabaco que fôr preciso, sem que possam, comtudo, obrigar directa ou indirectamente qualquer cidadão.

32.º Que nenhum dos caixas ou socios deste contracto poderá, em quanto durar o tempo delle, nem directa nem indirectamente, negociar em tabaco de qualquer qualidade, dentro ou fóra do reino, ou em outro qualquer genero, em que se faça negocio com a firma e credito do mesmo contracto debaixo da pena de perder para os mais socios, não só os cabedaes com que fizer o dito negocio particular, e os interesses d'elle, mas tambem o tresdobro da sua importancia.

33.º Que, em quanto o governo não julgar conveniente a adopção de algum outro arbitrio, continuará a ser vendido fora de Lisboa o papel sellado, por intervenção dos contractadores, mediante uma commissão, que não excederá a 10 p. c., e seguindo as instrucções que lhes forem communicadas pelo tribunal do thesouro publico.

34.º Que o governo fixará um credito a cada um dos chefes das legações estrangeiras, sobre a quantidade de tabaco manufacturado em rapé, ou charutos, de que na alfandega grande de Lisboa se lhes poderá fazer entrega para seu uso.

35.º Que se observará a pratica até aqui seguida de preparem os contractadores aquelles premios que além dos estabelecidos nas leis, julgarem mais convenientes para servirem de mais incentivo aos denunciantes e aprehensores de tabaco, a fim de que, obtendo similhante proposta a approvação do governo, seja publicada por editaes, renovados durante o contracto, pelo menos de seis em seis mezes.

36.º Que poderão os contractadores mandar dar busca ou varejo em quaesquer campos, quintas, ou quintaes, aonde lhes constar, ou suspeitarem que existe cultivada a herva santa, e proceder ao seu arrancamento, requerendo o auxilio das auctoridades locaes, cuja presença será necessaria n'estes actos, as quaes serão rigorosa e infallivelmente castigadas se o não prestarem.

(*Continua.*)

SECÇÃO DE CORRESPONDENCIAS

DELEGAÇÃO D'ALFANDEGA NO PORTO DA PEDERNEIRA.

Nazareth 31 de julho de 1860 — Sr. redactor. —Provocamos o chefe e escrivão daquella delegação para nos dar explicações cathegoricas sobre as irregularidades, extorções e violencias, por elles praticadas na occasião do recenseamento dos mancebos, para o serviço da armada real — *Campeão das Provincias* numero 843.

Tivemos a generosidade de não darmos todo o desenvolvimento ás nossas apprehensões, que talvez podessem ser attenuadas pela defeza, a que os convidamos, *porque para nós é principio sagrado* — que ninguem deve ser julgado sem ser ouvido, e o homem sempre se reputa bom, em quanto se não mostra que é mau. Mas que dois empregados que dirigem uma casa fiscal se abstenham de comparecer ante a grande bancada do juiz da consciencia, só porque as nossas correspondencias não estão firmadas com um nome, (é o que elles dizem publicamente), é na verdade evasiva desgraçada com que compromettem mais seus sentimentos de honra, e dignidade, sem os quaes não é possivel á probidade, que lhes compete, ter no desempenho de seus deveres. Enganam-se de certo, se nos suppoem incapazes de pudermos avaliar o apreço devido ao nobre exercicio das prerogativas, que conquistaram as luctas modernas....

Sem esperança pois da desejada resposta vamos renovar o debate com a dignidade e franqueza, de que fazemos timbre.

Sr. redactor. Sem nexo nem pensamento centenares de mancebos foram caracterisados arraes de barcos de pesca, para não serem comprehendidos no sorteio para o serviço da armada, extorquiu-lhes dinheiro pelas matriculas, e alterações feitas nos assentos, em relação ás suas companhas, e para se livrarem á censura moral, e á responsabilidade legal, o chefe e escrivão da alfandega não assignaram a recepção dos emolumentos pagos, não só por aquellas prematuras, e inattendiveis matriculas e alterações, mas pela importancia de 240 rs., que recebia o escrivão por cada certidão, que passava prevalecendo-se erroneamente da tabella — B — do regulamento das alfandegas menores do reino artigo 3.º, quando ali se estabelece sómente o salario por *certidão que as partes exigirem*, isto é pela entrada, e saida das fazendas de que só devem direitos, artigo 42. Não se adoptou a tabella junta á Reforma Judicial, mandada observar pela portaria de 14 de setembro de 1849, por facultar sómente a importancia da rasão, já que não haviam annos a buscar, e porque não era esta, era aquella a tabella mais pingue, e que attingia melhor ao proposito de especular com o alvoroço, e afflicção dos mancebos recenseados.

Deixamos registadas essas immoralidades, que revellam uma triste ideia da auctoridade, que superintende na delegação do porto da Pederneira, esperando, que desperte desse letargo de inqualificavel indiferentismo; volvemos á epocha mais longa do exercicio do dito chefe, e desde já pedimos ao sr. Costa, que com a tolerancia, e resignação que lhe é tão proverbial, nos permitta occuparmo-nos de sua parasitica pessoa.

Nos dois ultimos naufragios decorridos no litoral desta delegação da Pederneira, o sr. Costa representou de um perfeito comparso, não exerceu de chefe, nem de escrivão, e todavia recebeu o sallario diario de 2$400 reis do primeiro, e 1$600 rs. do segundo sinistro. Nomeados os empregados, que deviam assistir áquelles naufragios com exclusão do chefe da delegação (n.º 2.º art. 72 do cit. regulamento) o sr. Costa, se avaliasse como de bom quilate aquillo, a que se chama honra, e abnegação, que para muita gente é metal de pouca valia, e para homem publico é necessario preservativo á ambição humana, retirar-se-hia d'um serviço em que representava unicamente de Zangão, e desafiava o indiferentismo e despreso de seus subordinados.

Commemorar com precisão e clareza factos desta ordem, e inflingir-lhe o rigor da logica, é tarefa que não cabe nos limites de uma pequena correspondencia, quando ella a pedido nosso tem de se dar á estampa no jornal o *Campeão das Provincias*, onde a profusão e a dialetica nas materias, reune interesse e dedicação pela causa publica

Comtudo não podemos por esta vez deixar passar incolume a má, e impropria collocação dos empregados, com que tem mimoseado a nossa terra, sendo oriundos de outras, pois sentimos dizel-o, que salvo algumas honrosas excepções, aquelles empregados hão mostrado mais similhança a um bando de abutres, lançados a esmo por aqui, do que funccionarios, que tendo religiosos deveres a cumprir, sabem apreciar a hospitalidade do honesto, e do justo.

Tambem sentimos dizel-o, que desadoramos o procedimento havido na occasião de se investigarem os abusos, e irregularidades occorridas na delegação do porto da Pederneira, para o que se não tem chamado a ouvido senão pessoas de suspeita parcialidade ou pertencentes á repartição, e fazemos votos para desta vez a auctoridade a quem competir, ter mais circumspecção e integridade, dando nos assim o gosto de louvarmos, e não stigmatisarmos a sua conducta.

Continuar-se-ha.

A.

Agencia do Guano chimico de peixe em Aveiro.

Para que chegue ao conhecimento de todos os lavradores desta localidade, se publica a seguinte circular.

Ill.mo

A conveniencia da applicação dos estrumes á agricultura, sendo aliás uma verdade axiomatica, nem por isso tem feito com que o seu uso seja tão generico, quanto conviria á mesma agricultura, porque se o lavrador tira mais partido da parte estrumada, evidentemente os seus interesses seriam proporcionalmente maiores, se elle podesse igualmente estrumar o resto das suas terras; porém o preço subido dos estrumes, e muitas vezes a falta absoluta d'estes, faz com que o lavrador não tire sempre o partido correspondente, com quanto as despezas da cultura sejam as mesmas em ambos os casos.

O conhecimento d'estas verdades a par dos resultados praticos que a direcção da companhia do *Guano Chimico de Peixe* tem tirado das reiteradas experiencias por ella feitas, assim como o grande numero de factos communicados á mesma direcção por uma variedade de lavradores de Riba-Tejo, e com especialidade da Moita e Aldêa Gallega, onde a applicação do Guano Chimico á cultura da batata em feito com que os residuos de Lisboa que no anno anterior difficilmente se compravam ali por quatorze e dezeseis mil réis a barcada, se offereciam n'este ultimo anno por dez e doze mil réis, e bem assim os testemunhos de um grande numero de lavradores do Porto, Aveiro, Caminha e Olhão, já publicados no n.º 893 da *Opinião* de 23 de dezembro de 1859, e n.º 1881 do *Jornal do Commercio*, de 4 de janeiro de 1860, e outros subsequentes, animam a direcção a poder asseverar a V. com conhecimento da causa, e verdade, que o *Guano Chimico de Peixe* da Trafaria produz tanto ou mais, que o estrume commum, e que o seu custo é pelo menos cincoenta ou sessenta por cento mais barato, do que o estrume commum.

Uma geira de terra leva oito arrobas por anno ou vinte e quatro por tres annos, as quaes importam em 12$000.

Uma geira de terra leva em tres annos trinta carradas de estrume commum, as quaes importam em 30$000 termo medio. Logo a economia a favor *Guano Chimico* da Trafaria, é de 18$000 por geira!!!

Rogamos por tanto a V. que se queira compenetrar destes factos pela sua propria experiencia, e certos estamos que V. será um dos primeiros a faser grassar estas idéas, logo que esteja convencido da sua verdade, no que concorrerá poderosamente para o desenvolvimento da principal industria do nosso paiz.

A expriencia tem feito ver, que a applicação do humico da Trafaria é proveitosa em todas as culturas, porém os seus effeitos são mais promptos e manifestos nas plantas bolbosas, e leguminosas, e sobre tudo nas hortas e nos arvoredos.

A sua applicação deve ser muito á superficie, mas coberta e bem distribuida, para o que se mistura com tres ou quatro vezes o seu peso de terra miuda e solta, afim de poder ser bem disseminada a lanço, como se faz com a sementeira do nabo. Nas arvores e sementeiras de milho, fava, meloaes, e outras, lança-se o guano na proporção correlativa nas covas ou regos, e com menor porção de terra.

A conservação previa por algum tempo da mistura da terra com o guano convem muito para o bom resultado da colheita, porque as propriedades alimenticias se communicam á terra misturada, e por este meio contribue para a igual distribuição dos principios fertilisantes.

Poderiamos aprsentar uma serie de testimunhos recentemente recebidos, os quaes corroboram o que acabamos de dizer, porém para não nos tornarmos mais fastidiosos, limitar-nos-hemos a mencionar alguns dos nomes das pessoaa de quem os recebemos, certos de que a sua respeitabilidade e inteligencia são ampla garantia do que asseveramos.

Illm.a e exm.a sr.a D. Maria José do Carmo Castanha, fez a sua experiencia na Moita.

Illm.os exm.os srs. Joaquim José d'Azevedo, em Buscellas, Gorjão Henriques, na Povoa, José de Sousa Lobo, em Santo Eloyo, João Douthat, no Barreiro, Guilherme Banes, na Luz, Patricio Bernardo Russell, no Lumiar, Theodoro Vanzeller, no Telhal, Pedro Adolpho Mauperrin, em Caixas, Manoel José Machado, Cruz Quebrada, Maximino da Silva Abranches, na Povoa, Antonio Gomes Corrêa, em Arrentella, Pedro José de Sousa Roza, em Paio Pires, Francisco Martins, Paço d'Arcos, João da Fonseca Junior, em Olhão, etc.

O deposito do Guano Chimico de Peixe, que até aqui estava na travessa do Corpo Santo n.º 9, foi transferido para o Caes de Ver o pezo n.º 2 frente para o mar e seu custo é de 500 rs. por arroba embarricado ou enceirado. Escriptorio da companhia, travessa do Corpo Santo n.º 9.

OS DIRECTORES

Duque de Saldanha,
Visconde do Cartaxo,
Joaquim José Marques Caldeira,
Luiz de Castro Guimarães,
José Streete d'Arriaga e Cunha,
Ascenso de Serpa Azevedo.
João Luiz Osullivam,
Jorge Croft,
Fortunato Chamiço Junior.

SECÇÃO DE VARIEDADES.

Cardeal Antonelli.

É um dos homens a respeito dos quaes a opinião publica acceitou uma reputação já feita, sem se dar ao incommodo de verificar, se para ella havia uma base solida.

Giacomo Antonelli nasceu no dia 2 de abril de 1806, em Sennino, perto de Terracina, nas montanhas do meio dia, sobre a fronteira do reino de Napoles. E' de familia antiga, que teve alternativas de grande esplendor e de profunda adversidade. Conta jurisconsultos e historiadores entre os seus avós. Seu nome figurou já no principio deste seculo, na lista dos principes da igreja.

Antonelli fez seus estudos no grande seminario de Roma, onde suas admiraveis faculdades foram logo apreciadas. Tinham-no em tão alta estima, que sem ter recebido o sacramento da ordem, foi favorito de Gregorio XVI, e foi nomeado prelado, e em seguida assessor no tribunal criminal superior, e em fim delegado a Orvieto, Viterbo, e Macerata. Em 1841, Antonelli foi nomeado sub-secretario de estado no ministerio do interior, em 1844 segundo thesoureiro, e em 1845 ministro das finanças.

Antonelli, sob o governo de Gregorio XVI, foi reaccionario para lisongear este papa. Subindo Pio IX ao throno pontificio, Antonelli professou de repente um vivo enthusiasmo pelas ideias liberaes. O chapéo de cardeal e uma pasta, foram a recompensa das suas novas convicções. Um caracter energico e insinuante, profunda habilidade, e grande affabilidade, deramlhe sobre o bom, mas fraco Pontifice, um ascendente, que se tornou bem depressa em dominio absoluto.

Antonelli fez parte, como ministro das finanças, do primeiro conselho de ministros, nomeado por Pio XI em 14 de junho de 1847. Foi além disto nomeado presidente da consulta d'estado, encarregada das reformas adquadas ás necessidades da epocha.

No dia 8 de fevereiro de 1848, teve logar em Roma, uma manifestação contra os ministros. Pio XI apasiguou-a promettendo continuar as reformas. Antonelli exercia então em Roma grande influencia, como membro da commissão da constituigão, que deu á Italia, no dia 15 de março seguinte, esse famoso estatuto quasi arrancado por força a Pio IX, e de que os artigos principaes foram logo sophismados ou violados. Na mesma epocha Antonelli, depois da demissão dos gabinetes Gizzi, Ferretti e Bofonti, era presidente de um ministerio liberal, composto de novo membros de que só tres eram ecclesiasticos.

Nesta occasião era grande a responsabilidade de Antonelli; a guerra entre Carlos Alberto e a Austria tomava nova phase. O papa recusava-se a declarar guerra á Austria, Antonelli porêm queria ir um pouco além das palavras de Pio IX, proferidas no celebre consistorio de 29 de abril. Antonelli foi então muito popular, e deu garantias ao partido nacional, pondo em campanha um exercito de 18,000 homens, destinados a combater os austriacos nas legações, e sendo necessario na Lombardia, mas seu titulo de cardeal, em presença do seu papel de ministro popular, collocava-o n'uma posição falsa; conservou-se porém ainda algum tempo, mas retirou-se por fim do ministerio, rompendo totalmente com o seu passado liberal, e cedeu o logar ao ministerio Mamiani.

Cessando de ser ministro, Antonelli ficou o conselheiro intimo do papa e o director soberano da sua politica. Pelas suas indicações, Mamiani foi substituido por um ministro impopular, posto que habil, Pellegrino Rossi, cuja moderação doctrinaria não podia servir de nada no meio dos partidos extremos, que então dividiam Roma e a Italia.

Depois do assassinato de Rossi, foi Antonelli que aconselhou o papa a fugir, e foi bem depressa para o lado de Pio IX, em Gaeta, onde teve o cargo de secretario de estado *in partibus*.

Deste exilio data sua omnipotencia sem rival sobre o espirito do Santo Padre, sua rehabilitação no espirito dos austriacos, e toda a unidade da sua conducta, acabando as suas contradicções politicas.

Em Gaeta, Antonelli pediu a intervenção austriaca, e tractou mal os deputados da commissão provisoria do governo de Roma, que pediam para fallar ao papa, e protestou contra a proclamação da republica.

A 18 de abril de 1849, redigiu Antonelli a circular aos representantes da Austria, da França, da Hespanha e de Napoles, reclamando de todas a catholicidade o restabelecimento do seu soberano espiritual sobre o throno de S. Pedro.

A 9 de abril, quando as tropas francezas já tinham desembarcado em Civita-Vecchia, Antonelli foi nomeado presidente de uma commissão especial, encarregada das reformas da igreja. Roma capitulou diante das armas estrangeiras, e Antonelli, pondo o papa em desconfiança com os soldados da França, prolonga quanto póde o seu exilio, dissuadindo-o de tornar a entrar em Roma. Entretanto, elle redige as promessas do *motu-proprio*, manifesto de Pio IX aos italianos, e, quando o papa se resolveu a voltar a Roma, Antonelli foi nomeado secretario d'estado dos negocios estrangeiros, posição que elle ainda hoje conserva.

Ha dez annos que Antonelli reina em Roma como senhor absoluto. Os romanos chamam-lhe o—*papa vermelho*—Antonelli tem opposto sempre uma grande resistencia a todos os conselhos da diplomacia, e a todas as vontades da Europa em favor de reformas liberaes nos estados pontificios.

Esta politica tem tornado ominoso o governo de Antonelli, e tem-no tornado um dos caracteres mais impopulares da Europa.

No dia 12 de junho de 1855, Antonelli levou uma punhalada.—Antonelli mandou cortar a cabeça ao assassino, mas mandou dar uma pensão á viuva, que a recebe regularmente todos os annos.

Antonelli tem 54 annos, mas á primeira vista ninguem dirá que tem mais de 40, apesar de já ter bastantes cabellos brancos. Trabalha activamente, levanta-se ás 5 horas da manhã, escreve elle mesmo a correspondencia official, lê os jornaes estrangeiros, e está sempre prompto a deliberar, reflectir e discutir.

Antonelli tem a paixão das artes e das collecções. Occupa no Vaticano um quarto superiormente collocado ao do papa, o que faz dizer aos romanos, que elle está collocado em posição mais alta que a do papa.

Antonelli conservará o poder por muito tempo? Se os calculos politicos não falham, a sua quéda deve estar proxima. A difficuldade parece estar em lhe achar successor. O papa já lhe tirou a presidencia do conselho de estado, dando-a ao cardeal Di Pietro, que foi nuncio em Lisboa, e que hoje é considerado em Roma como partidario declarado das reformas.

SECÇÃO DE NOTICIAS.

A camara municipal. — Queixam-se os moradores da cidade da pouca abundancia e má qualidade das aguas das fontes da praça do Commercio e Cojo. Parece que alguns visinhos d'esta ultima distraem as aguas do aqueducto, servindo-se d'ellas para usos domesticos, havendo pouca limpesa e cuidado n'estas baldeações.

Prevenimos a camara, a fim de que ella proceda a uma vistoria no encanamento até á sua origem, multando todos aquelles que, aproveitando-se de uma cousa prohibida, compromettem a salubridade publica, ao arremeçarem para o aqueducto toda a casta de immundicies.

Se não houverem acordãos n'este sentido, deve a camara elaboral-os, e submettel-os quanto antes á aprovação do conselho de districto.

Outro sim pedimos á camara que olhe seriamente pelo ramo de policia municipal. Na rua das Barcas ainda se conservam no mesmo estado de abandono as nojentas e ridiculas ruinas de um desmantelado pardieiro. As paredes já carcomidas ameaçam desabar, e podem fazer victimas. Mais vale prevenir um acontecimento desgraçado, que lamental-o depois.

As ruas estão semeadas de grossas pedras soltas, que difficultam o transito. Torna-se necessario removel-as, a fim de que não se tornem encomodas e perigosas, principalmente em quanto durar o eclipse da illuminação.

Pedimos finalmente á camara que olhe pela execução dos regulamentos policiaes, que prohibem ás colarejas o açamarcarem fructas e outros generos, com prejuizo da população, que tem de abster-se de comprar ao productor, para comprar depois por preços altos aos monopolistas. Isto é um abuzo que os zeladores não veem, ou fingem não ver, porque só se importam de receber no fim do mez os seus respectivos vencimentos.

Entendemos por estas e outras que o pessoal da camara carece de grande reforma. Confiamos em que ha de chegar tempo d'ella ter logar, para bem dos interesses do municipio; e no entanto pedimos á illustre vereação que dê prontas providencias, a fim de que sejam attendidos os clamores, de que apenas somos o eco.

Bussaco. — Prepara-se para sair hoje de Aveiro com direcção á Meka do districto uma numerosa caravana. Não sabemos quantos camellos farão d'ella parte, nem se irá prevenida para longa peregrinação. E' certo, porém, que esta não será dolorosa, pois os romeiros estão dispostos a gozarem o melhor que poderem os dias que alli demorarem.

O passeio não pode ser mais agradavel na presente estação. A mata frondente do Bussaco deve offerecer grato repoiso aos divertidos peregrinos, que máis por folguedo que por sentimentos de piedade e religião emprehenderam visitar os sitios em que os bons frades carmelitas viveram vida ascetica nas santas praticas da penitencia.

Feliz digressão faça a caravana, livre de trambulhões, e insectos, e más camas, e feios petiscos, pois são estas, depois das pragas do Egypto, as peores que conhecemos no reino sublunar.

Consciencia. — Um individuo pediu-nos para fazer publico, que foi ha dias encontrado n'uma das ruas mais frequentadas d'esta cidade um pouco de dinheiro mettido dentro de uma pequena bolsa —estando elle resolvido a fazer a entrega a quem mostrar pertencer-lhe. O que se julgar com direito, queira dar os signaes por escripto em carta fechada, sobrescriptada ao sr. R. C, e remettida ao escriptorio d'esta redacção;— a carta deve ser assignada, a fim da dita quantia e competente bolsa serem entregues áquelle que mostrar ser o dono.

Infantecidio. — Um crime horroroso foi perpetrado no logar da Gafanha, concelho de Vagos, nos fins do mez passado. Dizemos horroroso, e no diccionario da lingua humana não encontramos termo proprio para classificar tão nefando delicto.

Foi presa por suspeitas uma mulher, cujo procedimento equivoco dava muito que fallar aos visinhos. Chegara-se a dizer que a infeliz tinha concebido, fazendo todas as diligencias por encobrir os effeitos da prenhez. Baldado intento. As leis da natureza não se postergam. Tudo tem de seguir o seu curso, por mais que se esforcem por inverter as regras, ou sophismar os seus preceitos.

Aos ouvidos da auctoridade local chegaram uns surdos rumores sobre a sorte da desgraçada creaturinha, filha de illicitos amores. Dizia-se que a mãe havia estrangulado o filho, occultando nas dobras de um crime hediondo as provas da sua fraqueza!

O sr. administrador do concelho de Vagos ordenou logo a captura da mãe desnaturada. Esta negou a principio o acontecido, como se a negativa lhe aproveitasse. Infelizmente para ella, e para bem da justiça e da moralidade, haviam testemunhas do visva; e a futilidade da defeza não procedeu. A criminosa interrogada de novo, e acareada com aquellas cedeu ao pezo do remorso, e confessou, que tinha matado o filho das suas entranhas, enterrando-o na sua propria habitação!

Parece incrivel, como a mãe podesse assim anniquilar o fructo do seu ventre, tendo força para comer e foliar sobre a sepultura do filho que assassinara! E' tão repellente o quadro que o coração indignado reage contra estes insultos ao verdadeiro amor maternal.

A auctoridade administrativa acompanhada do sr. juiz ordinario procedeu á exhumação do cadaver em presença de testemunhas, lavrando-se de tudo o competente auto, a fim do processo seguir os seus tramites legaes.

Incendio. — No dia 6 do corrente ás 5 horas da tarde ardeu no logar da Formiga, concelho de Cambra, uma pequena casa de colmo, pertencente a Casimiro d'Almeida. O fogo consumiu parte da mobilia da dita casa, avaliando-se os prejuizos em 25$000 rs. O incendio foi casual.

Monumento a Camões. — Continua aberta no escriptorio da redacção d'este jornal a subscripção para o monumento do immortal cantor de nossas glorias.

Transporte do n.º antecedente	33$760
João José Marques da Silva Valente	500
João José Nunes.....	500
	34$760

Congruas.—As dos parochos d'este districtos sommam a quantia de rs. 34:875$630, afora o rendimento dos passaes.

Representação. — Na proxima quarta-feira, 15 do corrente, haverá no theatro da villa de Ilhavo lusido espectaculo. Irá á scena pela sociedade ilhavense o drama *Marquez de Torres Novas*. Segundo nos consta a sociedade não se tem poupado a trabalhos e despezas para o bom desempenho d'esta producção do sr. C. Castello-Branco, em que se reproduz um dos factos notaveis da nossa historia.

A musica das chacaras da peça, como a dos couplets da comedia — *O casamento imaginario*, é composição do sr. Antonio Vicente Soares — a qual, a avaliar-se pela do *Othelo* e outras, que tantos applausos lhe grangearam, deve concorrer para abrilhantar o espectaculo.

A quem Deus promette não falta. — Mestre André Charroco é um pescador afamado de tainhas da formoza ria d'Aveiro. Ninguem tem redes mais finas que elle, nem mais felicidade durante a safra, que lhe dá sempre um bom par de grossos vintens na roda do anno.

Mestre André Charroco singrava em seu batel as aguas do Bunheiro: os aparelhos estavam prontos, e a matança ia começar. A sua pequena tripulação, pois é elle e dois filhos, acabava de consumir a refeição da tarde, o dia estava magnifico, e tudo annunciava uma pesca abundante.

O mestre principiou a armar, auxiliado pelos dois grumetes. Mas qual foi o seu pasmo ao sentir fortes empuxões na rede quando esta tinha apenas caido na ria? A operação continuou, mas de cada vez eram mais fortes os solavancos e guinadas, a ponto de estalarem algumas malhas, com grave prejuizo das economias do pobre pescador de tainhas.

Averiguado o cazo, um enorme congro se havia embaraçado com a rede, e para o tirar para fóra foram ameixas de conserva. Era de extraordinaria grossura, e tinha aproximadamente 3,^{m}56.

Foi uma boa pesca a d'este dia. Não havia memoria de tamanha fortuna. O congro pezava quatro arrobas e dezoito arrateis, e as gorduras produziram depois de derretidas dois almudes e meio d'azeite. Consta-nos que o peixe fora logo vendido a alguns individuos por 7$200 rs. Lucraram todos, louvores a Deus.

Theatro na Vista Alegre. — Consta-nos que os operarios d'este estabelecimento levam á scena no dia 15 do corrente um drama em 3 actos — *As filhas do artista* — ensaios dramaticos do sr. Augusto Candido Figueira; a comedia em 1 acto — *Por causa d'um algarismo, e o velho perseguido* — comedia em 1 acto.

Caixa Economica. — E' o seguinte o balancete do mez passado que nos remetteu a direcção d'este estabelecimento:

Balancete do movimento da Caixa Economica d'Aveiro no mez de julho de 1860:

Entradas:

Depositos recebidos.....	383$000
Letras idem.....	389$200
Juros idem.....	47$845
Saldo do mez antecedente.....	934$900
	1:754$945

Saidas:

Depositos restituidos.....	186$395
Emprestimos sobre letras.....	565$000
Juros pagos.....	3$955
Saldo que passa para o mez seguinte.....	999$595
	1:754$945
Valor dos depositos existentes em 31 de julho.....	6:177$870
Valor das letras existentes em caixa na mesma data.....	5:430$910

Escriptorio da Caixa Economica d'Aveiro em 6 de agosto de 1860.

A. Pinheiro.
Vice-secretario.

Effeitos do descuido. — E' uma couza muito seria a preparação das diversas peças de fogo do ar, que costumam arder por esses arraiaes. E no entanto parece que pouco se attende aos preceitos pyrothechnicos, pois o producto só tracta de realisar o maior lucro possivel.

No domingo passado no arraial da Senhora das Neves, em Angeja, um amigo nosso ficou bastante maltratado, em consequencia de lhe estourar sobre um pé a cabeça de um foneco, que era nada menos que uma bomba real. O pyrothechnico a quem foi justo o fogo não tractou da boa qualidade do combustivel, e só viu o preço. O resultado foi o facto a que nos referimos, e louvores a Deus não acontecer peor, pois a gente era muita, e o local do fogo acanhado a mais não poder ser.

Se a auctoridade policial alguma couza poder fazer n'este sentido, esperamos que não se descuide, e proceda com a maior brevidade, a fim de evitar futuros casos.

Remessa de fundos. — Sabemos que chegou uma ordem de 4:041$700 sobre o cofre central d'este districto, para pagamento das despesas com as obras das estradas, no mesmo. Já ha dias veio outra ordem de 2:981$000 reis sobre o mesmo cofre, que, segundo nos consta, ainda não foi entregue ao escrivão pagador, por isso que o cofre se não acha habilitado a satisfazel-a.

Sentimos deveras que hajam estes inconvenientes, porque aos desgraçados operarios se estão devendo 5 e 6 semanas, — alguns dos quaes já teem rebatido a 17 e 18 por cento, toda a quantia em divida.

Colheita. — E' este anno extraordinaria a colheita do café no Brazil. Os proprietarios contam auferir grandes interesses. A producção é em tal escala, que em alguns sitios dão a cada pessoa empregada na colheita, uma arroba de café por dia, perdendo-se n'outros grande parte do genero por falta de colhedores.

Erratas. — Na correspondencia do sr. reitor da Oliveirinha publicada no n.º 845 do nosso jornal, pagina 3.ª, columna 4.ª linha 28 — onde se lê — oh certo — deve ler-se — de certo. Na continuação da mesma no n.º 846, pagina 3.ª columna 2.ª, linha 75 onde se lê — c. 1. v. v. 23 — deve ler-se — c. 1. v. 22.

Oidium. — São mais animadoras as ultimas noticias com relação ao decrescimento d'esta terrivel molestia. Quazi todos os vinhedos foram atacados, mas não de maneira, que destruissem totalmente o fructo, e a esperança d'uma colheita superior á do precedente anno. No Porto já tem apparecido no mercado uvas perfeitas e com abundancia, vindas do Douro; e segundo nos consta e mesmo temos visto, ha partes em que o mal apenas tocou, e se conservam as uvas em estado prometedor.

Das ilhas são tambem satisfactorias as noticias, e espera-se ali uma suficiente colheita.

Fallecimentos. — Desde 23 de junho a 8 de julho, falleceram no Rio de Janeiro 77 portuguezes, de differentes molestias.

Acto official. — Por decreto de 31 de julho foi auctorisada a camara d'Anadia a contrair um emprestimo de 2:000$000 rs. com o juro de 6 p. c., para a construcção d'uma estrada que ligue a villa com a estrada de Coimbra ao Porto.

Pagamento. — Abre-se no dia 9 o do mez de julho ás seguintes classes: academia de bellas-artes, academia real das sciencias, archivo da Torre do Tombo; bibliotheca publica, estado maior de engenheria, dito d'artilheria, governos de praças e fortalezas, arsenal do exercito, secretario do conselho geral de beneficencia, primeiro batalhão de veteranos.

SECÇÃO ESTRANGEIRA.

FRANÇA. — A' data dos ultimos despachos de Pariz, devia ter saido a expedição franceza para a Syria.

Reinou o melhor acordo entre os plenipotenciarios das differentes nações nas conferencias sobre os negocios da Syria. Os attentados dos muzulmanos vão ser em breve punidos, e a sua altivez abatida deante das espadas da França.

As palavras de desconfiança proferidas por lord Palmerston no parlamento, recebidas com desgosto em França, eccoaram no gabinete das Tulherias, e feriram a sua susceptibilidade politica; por isso Napoleão resolveu patentear os seus intuitos pacificos, para mitigar a animozidade escandecida de Palmerston, dirigindo ao ministro britanico em Pariz a carta, que vamos em seguida transcrever, e de que já fallamos no nosso antecedente numero. E' um documento importante, mas cujas promessas não podemos garantir, pois que os protestos de paz de Napoleão III, são sempre seguidos dos tiros da campanha, como mais d'uma vez se tem realizado. Eis o citado documento.

« Saint Cloud, 29 de julho de 1860 — Querido Persigny: Tão embrulhados me parecem os negocios, em consequencia da desconfiança espalhada por toda a parte depois da guerra d'Italia, que vos escrevo esta a ver se uma conversação franca com lord Palmerston poderá dar remedio ao prezente mal. Lord Palmerston conhece-me, e sei que me ha de acreditar quando eu affirmar uma coiza. Pois bem: podeis dizer-lhe da minha parte, e do modo mais formal, que desde a paz de Villa Franca não tenho tido mais que um pensamento, e um intuito: inaugurar uma nova era de paz, e viver em boa intelligencia com todos os meus vizinhos, e principalmente com a Inglaterra.

« Declaro que tinha renunciado á arquizição da Saboya e Niza; e só o engrandecimento extraordinario do Piemonte me fez tornar a pensar na ideia de ver reunidas á França essas provincias essencialmente francezas. Mas dir-me-hão talvez: Quereis a paz, e augmentais enormente as forças militares da França. Eu nego o facto em todos os pontos. O meu exercito e armada nada têem de ameaçadores para ninguem. A minha marinha a vapor está ainda longe de satisfazer as nossas necessidades, e muito falta ainda para que o numero de navios a vapor egual o numero de navios de vela que se julgavam necessarios no tempo do rei Luiz Filippe. Tenha 400:000 homens em armas; deduzão-se porém d'esta somma 60:000 que estão em Argel 6:000 em Roma 8:000 na China, 20:000 gendarmes, os doentes e os recrutas, e ha de convir-se, porque é verdade, em que os meus regimentos teem um effectivo mais limitado que no reinado anterior. O augmento dos corpos consistiu só na creação da guarda imperial.

Por outra parte, ao mesmo tempo que quero a paz, desejo organizar as forças do paiz, no melhor pé possivel; porque, se nas guerras anteriores os estrangeiros só viram o lado brilhante do exercito francez, eu vi de perto a parte defeituosa e quero dar-lhe remedio.

Assente isto, repito que desde a paz de Villa Franca, não tenho feito, nem sequer pensado, coiza alguma que possa assustar a ninguem. Quando Lavallete partiu para Constantinopla, as instrucções que lhe dei, limitaram-se ao seguinte: «Fazei quanto vos seja possivel por manter o *statu quo*. O interesse da França é que a Turquia viva o mais tempo possivel.»

Sobrevieram os assassinatos da Syria, e alguem se lembra de dizer que me regozijo de achar uma nova occazião de fazer uma pequena guerra, em que represente um novo papel. Em verdade que me concedem mui pouco senso commum. Se propuz immediatamente uma expedição, é porque sinto do mesmo modo que o povo que me collocou á sua frente, e porque os acontecimentos da Syria me encheram de indignação; mas o meu primeiro pensamento foi sempre o entender-me com a Inglaterra. Que outro interesse, a não ser o da humanidade, me levaria a enviar tropas áquella região?... Por ventura, a posse daquelle paiz accrescentaria as minhas forças? Posso eu dissimular que a Argelia, apezar das suas vantagens no porvir, é hoje um principio de debilidade para a França, que ha mais de trinta annos lhe está dando o mais puro do seu sangue e do seu ouro? Disse-o já em 1852 em Bordeus, e a minha opinião hoje é ainda a mesma.

Tenho de certo grandes conquistas que fazer, mas é dentro de França. A organização interior do paiz, o seu desenvolvimento moral, o accrescentamento dos seus recursos, devem fazer ainda immensos progressos. E ai está aberto um vastissimo campo á minha ambição, campo que basta para a satisfazer.

Foi-me difficil entender-me com a Grã Bretanha a respeito da Italia central, porque me achava comprometido a cumprir as condições da paz de Villa Franca. Pelo que respeita á Italia do sul, estou livre de compromissos, e não desejo outra coiza senão entender-me com a Inglaterra sobre este objecto, assim como sobre os demais. Em nome porém do Ceu, que os homens eminentes collocados á frente do governo inglez, ponham de parte os mesquinhos ciumes e as injustas desconfianças; entendâmo-nos lealmente como homens honrados que somos, e não como velhacos, que desejam lograr-se uns aos outros.

Em rezumo, eis aqui o fundo do meu pensamento.

Desejo a pacificação da Italia, não me importa como uma vez que seja sem intervenção estrangeira, e de modo que possam as minhas tropas sair de Roma sem comprometter a segurança do papa.

Desejaria extremamente não me ver obrigado a fazer a expedição da Syria, e em todo o cazo a não ser só a fazel-a, primeiramente, porq e provinião d'ai á França despezas consideraveis, e depois porque receio que essa intervenção renove a questão do Oriente; mas, por outro lado, não acho meio de oppor-me á opinião publica do meu paiz, que não poderia comprehender que se deixassem impunes não só os assassinatos dos christãos mas tambem o incendio dos nossos consulados, o insulto feito á nossa bandeira, e o saque dos conventos que estavão debaixo da nossa protecção.

« Disse-vos todo o meu pensamento, sem desfigurar nem omittir coiza alguma. Fazei agora da minha carta o uzo que julgardes conveniente e acreditai na minha sincera amizade. — (Assignado) — *Napoleão.* »

ITALIA. — Cada vez é mais precaria a situação da dinastia do rei de Napoles. Quando a sorte adversa persegue os individuos e as nações, todos os elementos facilmente se erguem e se conspiram para as humilhar e abater.

As armas napolitanas cederam mais uma vez a victoria aos sicilianos, e apoz este revez seguiu-se um convenio entre Clary e Garibaldi, mas um convenio, segundo um despacho de Pariz de 3, que só ensaiava temporariamente as armas, até se operar a evacuação da Sicilia, sem comtudo firmar um termo final á pendencia, que deve talvez ir propagar-se na terra firme, pois que o mesmo despacho annuncia, que o famoso caudilho prepara uma esquadra para com ella desembarcar na costa de Napoles.

A' carta dirigida por Victor Manoel ao dictador, em que o aconselhava a desistir de qualquer tentativa sobre Napoles, respondeu este negativamente; o que sobremodo auctoriza a revellação do despacho a que acabamos de nos referir. A dezintelligencia entre Garibaldi, e o governo Sardo, vai-se manifestando abertamente.

TURQUIA. — A questão do Oriente não está longe talvez de tornar se momenteza e complicada. A França, a julgar pelas revelações d'alguns jornaes inglezes dirigira-se ás grandes potencias, para d'acordo operarem na comminação ou execução aos delinquentes da Syria, e a sua proposta foi recebida por estas com indifferença, obrigando o a procurar o apoio da Inglaterra. A julgar pela opinião da imprensa britanica, é esta a primeira difficuldade, que acompanha os primeiros ensaios da questão.

A Russia devia sair com brevidade uma esquadra, que se achava prompta em Constrad com destino ao theatro da desolação na Syria, cujos estragos horrorizaram todo o imperio.

Os attentados commettidos em Damasco são da maior gravidade. O fogo, o ferro e a fome são os principaes elementos de destruição, e não tardará que venha a peste rematar a desventura d'aquelles infelizes povos. Não menos de seis mil cazas foram reduzidas a cinzas. A carnificina durou mais de 80 horas, e as suas victimas sobem a quatro mil, não contando os que refugiados se definham com a fome e com a mizeria.

Esta tremenda conspiração não tarda a reproduzir-se em Constantinopla, onde os christãos receiozos, pela agitação que observavam nos muzulmanos, tomam medidas preventivas de salvação, prevendo imminente sobre si a repetição das scenas desastrosas da Syria: — tudo presagiava ali serios conflictos.

HESPANHA. — Parece verificar-se o empenho de Napoleão, para que o reino visinho seja elevado á cathegoria de grande potencia. Alguns jornaes estrangeiros publicam a circular diplomatica de Thouvenel, pedindo a admissão da Hespanha nos conselhos das grandes potencias.

Segundo uma correspondencia de Madrid com data de 3, D. João de Borbon foi chamado a Pariz pelo imperador dos francezes, e já ali se acha. Este principe está em correspondencia activa com Victor Manoel; e parece que tem montada uma lithographia para redigir circulares e manifestos. A sua correspondencia de todas as partes é numerosa. Em Pariz foi visitado por todos os hespanhoes ali residentes.

CORREIO DE HONTEM.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR DO CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

Lisboa 8 de d'agosto.

Depois d'um continuado bulicio politico, cuja duração era já de mezes e não de dias, seguiu-se a calmaria. Cessaram os trabalhos parlamentares, e os dignos representantes do paiz vão cada um para suas casas descançar das suas aturadas fadigas. Durante a sessão que acaba de encerrar-se, a discussão correu já placida, já agitada, segundo os differentes assumptos sobre que versava; e os ultimos dias foram assignalados pelo incidente a que deu logar o projecto da desamortisação, e que poz em crize o gabinete.

A demissão do sr. Avila, faria trepidar o edificio governamental erigido, se póde dizer ha dois dias e a sua substituição era compativel a poucas intelligencias. O chefe augusto do estado prevendo as consequencias, que na presente conjunctura, podiam ser de difficil solução, senão de effeito retrogrado, com relação a importantes objectos da administração, se este habil ministro abandonasse a sua cadeira, dirigiu-se por carta ao presidente do conselho, segundo me asseveram, expondo-lhe as inconveniencias que se seguiriam d'um tal desarranjo, e aconselhando o necessario restabelecimento d'acordo entre o illustre membro do gabinete e os seus collegas.

Ficou pois tudo harmonisado, como já indiquei; ainda que ha quem acredite, que o desassocego dos ultimos dias da sessão que findou, ha de reproduzir-se na seguinte com alguma forte borrasca parlamentar, a que dará cauza a momentosa lei da desamortisação; é porém crivel que o actual governo com o tino politico que o caracterisa saiba equilibrar com a maioria das opiniões, os verdadeiros principios, que devem servir de baze á sua conducta, com relação ao assumpto que deu origem á divergencia.

O *Diario* de 6 publicou o decreto, que auctorisa a camara d'Anadia, desse districto, a contrair um emprestimo de 2:000$000, com juro não excedente a 6 p. c. para ser aplicado á factura d'uma estrada, que ligue aquella villa com a estrada de Coimbra ao Porto, passando por Arcos e Famalicão, e seguindo a S. Lourenço, ou Ois do Bairro.

Tambem publicou o *Diario* uma enorme serie de pensões concedidas no ultimo dia da sessão. Sobem a 134! E' este um gravame aliás forte que irá augmentar os sacrificios do paiz.

O nobre presidente do conselho, o sr. marquez de Louré, começou já a reintregar alguns funccionarios, que foram victimas do cutello demissorio no gabinete transacto.

O sr. duque de Saldenha foi nomeado presidente do supremo conselho de justiça militar; e vogal suplente do mesmo, o marchal de campo, José Athanazio de Miranda.

Falleceu ha dias o sr. Paulo Centurini, capitão de fragata da nossa marinha. Foi na militança um bravo, e no tracto social soube sempre captar as maiores simpathias.

No dia 30 do passado houve um grande incendio na villa de Grandolla, de que resultaram consideraveis estragos, sendo pasto das chamas mattos inteiros, oliveiras, medas de pão, palha, colmeias e varios trastes agricolas. O prejuizo calcula-se em alguns centos de mil reis.

No domingo houve grande tourada no campo de Sant'Anna. Os aplausos aos capinhas Robertos foram geraes, e a praça n'um momento se viu cheia de differentes objectos, com que costuma premiar-se n'estas occasiões o merito artistico.

E' aqui esperado por estes dias o sr. conde do Bolhão com seu filho e nora. S. ex.ª conta, segundo me dizem, com ser absolvido; e por isso vem apresentar se nas mãos da justiça.

A camara municipal vae, d'acordo com o conselho de saude, prohibir a venda do azeite de purgueira nas tendas, por julgarem que de tal preparação se tem originado muitos envenenamentos. A medida é geralmente applaudida.

Não tarda muitos dias que apareça no *Diario* publicada a lei sobre a reforma de pautas. O sr. Avila é incansavel em promover o andamento destes trabalhos, a cuja iniciativa e zelo se deve o seu adiantamento.

Falla-se muito em que s. m. o sr. D. Fernando, passsa novamente a prender-se nos laços matrimoniaes. Não se diz quem seja a noiva. Parece que fixará a sua nova residencia na Junqueira, onde comprará o palacio de Monte Christo.

Parece que se tem apresentado ao governo propostas, por parte de capitalistas abastados, sobre a arrematação do contracto do tabaco. Dizem-me que offerecem vantagem para o estado.

O porto de Pernambuco foi declarado suspeito de febre amarella.

* *

BARRA DE AVEIRO.

Embarcações entradas em 3 d'agosto.

Hiate « Nova União. » mestre J. da Rocha, do Porto com encommendas.
Hiate « Bom Dias, » mestre J. da S. Jacob, de Caminha, com lastro.

Em 4.

Hiate « Tricano, » mestre A. Serrão, do Porto vazio.

Sahidas em 6.

Hiate «Craveiro 2.º,» mestre D. de B. Soutinho, para Lisboa com madeira.

Entradas em 8.

Hiate «Novo Atrevido,» mestre M. Marques, do Porto vazio.
Hiate «Esperança,» mestre J. J. dos Santos, de Villa do Conde vazio.

Em 9.

Hiate «Razoulo 1.º,» mestre J. Razoulo, do Porto vazio.

SECÇÃO DE ANNUNCIOS.

OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO D'AVEIRO.

Estrada d'Ovar ao Porto.

EDITAL.

Em conformidade do artigo 14 do regulamento de 14 d'abril de 1856, faz-se publico que no dia 12 do corrente mez d'agosto pelas 11 horas da manhã nos paços do concelho d'Ovar, se procederá em hasta publica ao fornecimento da cal precisa para o resto das obras da estrada d'Ovar ao Porto, nos lanços d'Ovar á Feira com as seguintes condições.

1.ª A cal será em pedra de boa qualidade completamente deparada de corpos estranhos, e o mais hydraulica que se poder obter.

2.ª Será posta no local que for designado sendo as despezas de conducção e todas as eventuaes á custa do fornecedor, oito dias depois de ser requisitada. Nas requisições se designará o numero de metros precizos, não podendo requisitar-se mais do dez metros por cada vez.

3.ª Toda a vez que a cal tenha sido molhada ou adulterada por qualquer forma não será aceite, não podendo o fornecedor exigir indemnisação alguma.

4.ª A cal será paga por metro cubico, e medida na obra.

5.ª O arrematante será embolsado á proporção que a cal for entrando na obra, satisfazendo ás anteriores condições e nas occasiões em que se fizerem os pagamentos quinzenaes.

6.ª Para que as propostas relativas a esta arrematação quer verbaes que por escripto serem acceites, deverá o preponente apresentar fiador cuja idoneidade seja legalmente reconhecida, ou apresentar documento de ter depositado no cofre central do districto a quantia de 50$000.

7.ª Se o arrematante faltar a qualquer das condições antecedentes perde ipso facto o direito a qualquer quantia que se lhe deva, e ao deposito feito podendo ser o contracto rescindido — ficando álias o arrematante e depois d'elle o seu fiador responsavel a qualquer despeza que se faça a maior do preço da arrematação.

8.ª Quaesquer duvidas que se deem na intelligencia e execução d'estas condições, serão resolvidas definitivamente pelo director das obras publicas d'este districto.

Secção em Ovar 1 de agosto de 1860.

Tito de Noronha.
Chefe de secção.

No dia 25 de julho proximo passado, na feira de Mouta, concelho d'Anadia, furtaram a João Pedro Albernó um macho de cor castanho escuro, mas na cabeça mais claro, de idade de 30 mezes; castrado de volta: uma pequena nevoa no olho direito, o embigo mais volumoso do que o natural. Este macho poucos dias antes foi comprado por sete moedas. Estava aparelhado com albardão bom, com pouco uzo, e em proporção todos os mais arreios, sem excentuar a cabeçada e freio com guarnições amarellas. Tinha no aparelho um cobertor bom, dois lenços, um cobrejão riscado hespanhol, uma pelle de cabrito branca, surrada, e uns alforges novos hespanhoes. Tudo valeria onze moedas.

Quem descubrir o macho e objectos roubados, póde dirigir-se á administração do do concelho d'Oliveira do Bairro, aonde receberá d'alviçaras 18:000 rs, depois de seu dono haver o roubo.

Correm editos de 30 dias a citar os auzentes Roza, filha de Antonio Affonso e seu marido Antonio Ribeiro, do logar de Fermelã, e Joaquim, José, e João, filhos do dito Antonio Affonso, de Sarrazolla, para fallarem a artigos de habilitação na causa de libello e nullidade de testamento e petição de herança que contra elles move, Maria Nunes, e seu marido Pedro Dias, e outros do mesmo logar de Sarrazolla, a contar do dia 8 do corrente mez de agôsto. Escrivão Gusmão.

DISTRICTO ADMINISTRATIVO D'AVEIRO.

Concurso.

A camara municipal do concelho de Agueda tem feito publicar por editaes, e annuncia n'este jornal da capital do districto, o concurso de sessenta dias a contar do primeiro do corrente mez de agosto, para provimento do partido de medicina do mesmo concelho, definitivamente creado, e approvado por accordãos do concelho de districto, com o ordenado annual de cento e oitenta mil réis, sujeito á decima, e ás disposições regulamentares, accordado em vereação de 28 de julho de 1859. Os concorrentes deverão mostrar-se habilitados com carta de formatura em medicina passada em devida forma; e especialmente habilitados como recommenda o art. de 21 de agosto de 1823, os decretos de 3 de janeiro de 1837, 25 de novembro de 1839, 9 de janeiro de 1850, e portaria de 11 de dezembro de 1851. Com attestados de bom comportamento moral, civil, e religioso passados pelo parocho, camara municipal, e administrador do concelho, onde tiverem residido os ultimos dois annos: alvará de folha corrida, e documento por onde provem que não padecem molestia contagiosa, tudo reconhecido e sellado.

A meza do governo da Santa Caza da Misericordia d'esta cidade de Aveiro, ha-de vender no dia 26 do corrente mez de agosto porta da caza do despacho da mesma santa caza, pelas 11 horas da manhãa, as propriedades que lhe foram adjudicadas na execução que moveo a Joaquim de Barros Pinto de S. Lourenço do Bairro, e seus fiadores Antonio Simões Moreira, e Antonio Francisco Mariz, de Couvelha, a saber.

De Joaquim de Barros Pinto em chão com arvores de fruto, junto ás cazas que foram do devedor, cercado de muro pelo Nascente, Poente, e sul, e parte do Norte com Fortunato Augusto de Figueiredo.

Uma terra ás hortas, lemite de S. Lourenço, onde chamam a Cavada da Fôrca parte com Francisco José de Barros, pelo poente e sul de Antonio Simões Moreira.

Uma vinha no porto carreiro, lemite de S. Lourenço, que parte do nascente com Antonio de Noronha Castello Branco, de Ois do Bairro, e do poente com herdeiros de Manoel Rodrigues d'Almeida, de Paredes de Antonio Francisco Mariz.

Uma terra, e bacêllo nas Cavadas da Couvêlha, que parte do nascente com Joaquim Simões Moreira, e do poente com Joaquim Rodrigues Galego, do dito logar.

Antonio José de Freitas Guimarães Junior, com estabelecimento na praça de Pardelhas, faz publico, que na presente quadra de banhos abrirá o seu estabelecimento na costa da Torreira, onde terá á venda toda a qualidade de generos alimenticios, inclusivé vinhos do Porto, tudo por preços commodos.

O estabelecimento da rua dos Mercadores n.º 13 (debaixo dos Arcos) acaba de chegarem variado sortimento de chapeos de feltro á Garibaldi, e á ingleza assim como bonets, etc — o que tudo se vende por preços commodos.

RETRATOS PHOTOGRAPHICOS.

SOBRE PPEL, VIDRO E OLEADO,

No Terreiro casa pequena da ex.ma sr.ª Baroneza d'Almeidinha — de 1$000 reis. para cima.

Anuncia-se ao respeitavel publico aveirense que até o dia 11 (inclusivè) do corrente mez, estará aberto este estabelecimento, desde as 8 horas da manhã até ás 5 da tarde.

N. B. No mesmo estabelecimento se encontram variado sortimento de caixilhos caixas e *passe partous*.

Acaba de chegar á loja de fazendas brancas e quinquilherias de J. M. Teixeira na rua direita, n.º 2 e 3, desta cidade, um bom surtimento de chapeos de seda, castor, e feltro, para homem, incluindo n'aquelles os da ultima móda á Garibaldi, cujo preço é o mais lemitado possivel.

THEATRO DE ILHAVO.

Quarta-feira 15 d'agosto.

Subirá á scena o drama em 5 actos, original do sr. Camillo Castello Branco.

O Marquez de Torres Novas

e a comedia em 1 acto, ornada de couplets

O casamento imaginario.